

Carlos Castaneda

Autor dos best sellers *A erva do diabo* e *Viagem a Ixtlan*

O Lado Ativo do Infinito

Ensinamentos de dom Juan para
enfrentarmos a viagem definitiva



<http://groups-beta.google.com/group/digitalsource>

O LADO ATIVO DO INFINITO

Este livro é dedicado aos dois homens que me deram o ímpeto e as ferramentas para levar a cabo o meu trabalho antropológico: Professor Clement Meighan e Professor Harold Garfinkel.

Seguindo suas sugestões, eu mergulhei em uma situação de campo de qual nunca saí. Se não consegui satisfazer o espírito de seus ensinamentos, assim seja. Eu não pude evitá-lo. Uma força maior, que os xamãs denominam o infinito, envolveu-me inteiramente antes que eu pudesse formular propostas claras no campo das ciências sociais.

ÍNDICE

00 - Introdução

Parte 1 - Um Tremor do Ar

01 - Uma Jornada de Poder

02 - O Intento do Infinito

03 - Na Realidade, Quem Era Juan Matus?

Parte 2 - O Final de Uma Era

04 - A Excessiva Preocupação com a Vida do Dia-a-Dia

05 - A Visão que não Pude Suportar

06 - O Encontro Inevitável

07 - O Ponto Crítico

08 - As Medidas da Cognição

09 - Dizendo Muito Obrigado

Parte 3 - Além da Sintaxe

10 - O Mordomo

11 - A Interação da Energia no Horizonte

12 - Viagens Através do Mar Escuro da Consciência

13 - Consciência Inorgânica

14 - Ver Claramente

15 - Sombras de Lama

Parte 4 - Dando a Partida para a Viagem Definitiva

16 - O Salto para o Abismo

17 - A Viagem de Retorno

Sintaxe

Um homem contemplando suas equações
disse que o universo teve um começo.
Existiu uma explosão, disse ele.
Um senhor estrondo, e nasceu o universo.
E o universo ainda está em expansão, disse ele.
Ele calculou até mesmo a duração de sua vida:
dez bilhões de revoluções da Terra ao redor do sol.
Todo o globo aplaudiu;
Acharam tais cálculos cientificamente certos.
Ninguém percebeu que, propondo um início para o universo,
o homem simplesmente refletiu a sintaxe de sua língua pátria;
uma sintaxe que exige começos, como um nascimento,
e desenvolvimento, como maturação,
e um final, como a morte, para a realização de qualquer evento.
O universo teve um início,
e está envelhecendo, garantiu-nos tal homem,
e ele irá morrer, já que tudo morre,
como ele mesmo morreu depois de confirmar matematicamente
a sintaxe de sua língua pátria.

Sintaxe II

O universo teve realmente um começo?
A teoria do “big-bang” é realmente correta?
Essas não são perguntas, embora pareçam ser.
A sintaxe que exige começo, desenvolvimento
e término para a descrição de fatos é realmente a única que existe?
Essa é a questão real.
Existem outras sintaxes.

Existe uma, por exemplo, que indica a variação de intensidade como um fato.

Nessa sintaxe nada tem um começo ou um fim; desse modo, o nascimento não é algo claro e definido, mas um tipo específico de intensidade, do mesmo modo que o amadurecimento e a morte.

Um homem que use tal sintaxe, contemplando suas equações, descobre que calculou suficientes variações de intensidade e pode então dizer com autoridade que o universo não teve um início e não terá um fim, mas que ele sempre existiu, existe e existirá através de intermináveis flutuações de intensidade.

Tal homem pode muito bem concluir que o próprio universo é a carruagem da intensidade e que é possível abordá-la para viajar por caminhos que modificam-se incessantemente. Ele irá descobrir tudo isso, e muito mais, talvez sem nunca perceber que está simplesmente confirmando a sintaxe de sua língua pátria.

Introdução

ESTE LIVRO é uma coleção de acontecimentos memoráveis em minha vida. Eu os reuni seguindo uma recomendação de don Juan Matus, um índio yaqui xamã do México, que, como um professor, esforçou-se durante treze anos para tornar disponível para mim o mundo cognitivo dos xamãs que viveram no México nos tempos antigos. A sugestão de don Juan Matus para que eu reunisse esta coleção de eventos memoráveis foi feita casualmente, como se fosse algo que lhe ocorrera ao calor da conversa. Esse era o estilo de ensinar de don Juan. Ele escondia a importância de certas manobras suas com palavras triviais. Escondia, dessa maneira, o que realmente pretendia, fazendo sua proposta como se estivesse referindo-se a algo nada diferente dos assuntos comuns do dia-a-dia.

Don Juan revelou-me, com o passar do tempo, que os xamãs do México antigo conceberam colecionar os eventos memoráveis como um instrumento fidedigno para agitar os aglomerados de energia que existem em nosso interior. Diziam que tais aglomerados são constituídos de energia que se origina no próprio corpo e que são deslocados, são empurrados, ficando fora de nosso alcance pelas circunstâncias de nosso viver do dia-a-dia. Nesse sentido, a coleção dos eventos memoráveis era, para don Juan e para os xamãs de sua linhagem, um instrumento para a redistribuição de sua energia não utilizada.

O pré-requisito para tal coleção seria o ato genuíno e completo de reunir a soma total de nossas emoções e percepções, sem nada deixar de fora. De acordo com don Juan, os xamãs de sua linhagem estavam convencidos de que a coleção dos eventos memoráveis era o veículo para o ajustamento emocional e energético necessários para aventurar-se, em termos de percepção, no desconhecido.

Don Juan descrevia a meta última do conhecimento xamanístico que ele manipulava como a preparação para enfrentar-se a viagem definitiva: a viagem que cada um dos seres humanos tem que fazer ao final de sua vida. Ele disse que, através de sua

disciplina e decisão, os xamãs eram capazes de reter sua percepção individual e seu propósito após a morte. Para eles, aquele estado vago e ideal que o homem moderno chama de “vida após a morte” era uma região concreta cheia até à borda de atividades práticas de uma ordem diferente daquela do nosso dia-a-dia, embora contendo um aspecto funcional prático semelhante. Don Juan considerava que recolher os eventos memoráveis de suas vidas era, para os xamãs, a preparação para a entrada nessa região concreta que era chamada por eles de o lado ativo do infinito.

Don Juan e eu conversávamos uma tarde, sob o caramanchão de sua casa, uma frágil estrutura feita de bambu. Ela parecia uma varanda coberta que era parcialmente sombreada mas que não fornecia nenhuma proteção contra a chuva. Existiam ali alguns caixotes pequenos e pesados que serviam de bancos. As marcas referentes ao seu transporte estavam apagadas, e mais pareciam enfeites que identificação. Eu estava sentado em um deles. Minhas costas apoiavam-se na parede da fachada da casa. Don Juan estava sentado em outro caixote, encostado numa coluna que suportava o caramanchão. Eu chegara alguns minutos antes, de carro. A minha viagem durou todo o dia, e o tempo estava quente e úmido. Sentia-me nervoso, aflito e suado.

Don Juan começou a conversar comigo logo que me ajeitei sobre o caixote. Com um sorriso amplo, comentou que as pessoas com excesso de peso dificilmente sabem como combater sua gordura. O sorriso que pairava em seus lábios deu-me a dica de que ele não estava brincando. Ele estava indicando para mim, de um modo ao mesmo tempo direto e indireto, que eu estava com excesso de peso.

Fiquei tão nervoso que desequilibrei-me sobre o caixote em que estava sentado e bati fortemente com minhas costas na fina parede da casa. O impacto fez tremer a casa até suas fundações. Don Juan olhou-me inquisitivamente, mas em lugar de perguntar-me se eu estava bem, assegurou-me que eu não havia provocado nenhuma trinca na casa. Depois explicou-me extensamente que aquela casa era apenas uma moradia temporária para ele, e que morava realmente em outro local. Quando perguntei-lhe onde ele realmente morava, ele encarou-me. Seu olhar não era beligerante; era, em vez disso, uma forte indicação de que ele não admitia perguntas impróprias. Não compreendi isso de imediato e quando ia repetir a mesma pergunta, ele impediu-me.

“Perguntas desse tipo não são feitas por aqui”, disse ele com firmeza. “Pergunte o que quiser sobre procedimentos e idéias. Quando eu tiver que lhe dizer onde moro, se é que isso vá realmente ocorrer, eu lhe direi sem que você tenha que me perguntar”.

Eu imediatamente senti-me rejeitado. Minha face ficou, involuntariamente, vermelha. Eu estava completamente ofendido. A explosão de gargalhadas de don Juan só serviu para aumentar a minha humilhação. Ele não apenas rejeitou-me, mas também insultou-me e depois riu de mim.

“Eu vivo aqui temporariamente”, acrescentou ele, sem dar nenhuma bola para o meu estado de espírito, “porque aqui é um lugar mágico. Para dizer a verdade, eu moro aqui por sua causa”.

Tal afirmação desarmou-me inteiramente. Não podia acreditar nela. Pensei que ele tinha dito aquilo provavelmente para amenizar o insulto que tanto me irritou.

“Você realmente vive aqui por minha causa?” Perguntei-lhe finalmente, incapaz de conter minha curiosidade.

“Sim”, disse ele tranqüilamente. “Eu tenho que preparar você. Você é igual a mim. Vou repetir para você agora aquilo que já lhe disse: a busca de cada nagual, ou líder, em cada geração de xamãs, ou feiticeiros, é encontrar um novo homem ou mulher que apresente, como ele próprio, uma estrutura energética dupla; eu vi tal característica em você quando estávamos na rodoviária em Nogales. Quando eu vejo a sua energia, vejo duas bolas sobrepostas de energia, uma no topo da outra, e essa característica nos liga um ao outro. Não posso rejeitar você e nem você a mim”.

Suas palavras causaram uma agitação enorme em mim. Um instante atrás estava furioso e agora tinha vontade de chorar.

Ele continuou, dizendo que queria iniciar-me em algo que os feiticeiros chamavam de o caminho do guerreiro, com o amparo da energia que existia na área onde morava, local que era o centro de emoções e reações muito fortes. Pessoas semelhantes a guerreiros viveram ali por milhares de anos, embebendo a terra com seu interesse pela guerra.

Ele vivia naquela época no Estado de Sonora, na parte setentrional do México, a cerca de cento e cinquenta quilômetros ao sul da cidade de Guaymas. Eu ia sempre visitá-lo ali sob o pretexto de realizar meus trabalhos de campo.

“Eu necessito entrar nessa guerra, don Juan?” Perguntei-lhe, genuinamente preocupado depois que declarou que o interesse pela guerra era algo que eu iria necessitar algum dia. Eu aprendera a tratar com a maior seriedade tudo o que ele dizia.

“Pode apostar até sua cueca”, replicou sorrindo. “Quando você tiver absorvido tudo que esse local tenha para ser absorvido, eu me mudarei daqui”.

Eu não tinha nenhum motivo para duvidar do que ele dissera, mas não conseguia conceber que ele pudesse morar em outro local. Ele era, em seu todo, parte de tudo que o cercava. Sua casa, entretanto, parecia ser realmente uma morada temporária. Ela era um barracão típico dos fazendeiros yaquis; era feita de taipa rebocada e tinha um telhado de sapé quase plano; possuía um quarto grande para refeições, que também servia de dormitório e uma cozinha a céu aberto.

“É muito difícil lidar com pessoas com excesso de peso”, disse ele. Parecia ser um “fim de papo”, mas não era. Don Juan estava simplesmente retomando o assunto que havia introduzido antes que eu o interrompesse batendo minhas costas na parede de sua casa.

“Um minuto antes, você atingiu minha casa como uma bola de demolição”, disse ele, balançando a cabeça de um lado para o outro.

“Que impacto! Uma batida digna de um obeso”.

Tive o sentimento desconfortável de que ele falava como se tivesse desistido de lidar comigo. Tomei imediatamente uma posição defensiva. Ele escutava, com um sorriso zombeteiro, minhas explicações excitadas de que meu peso era normal considerando-se a minha estrutura óssea.

“É isso mesmo”, concordou ele com ar brincalhão. “Você tem ossos grandes. Provavelmente poderia, tranquilamente, engordar mais uns quinze quilos e ninguém, eu garanto, iria notar. Eu não iria notar”.

Seu sorriso zombeteiro mostrou-me que eu, realmente, estava gorducho, atarracado. Perguntou-me em seguida pela minha saúde em geral, e eu continuei falando, tentando desesperadamente evitar qualquer comentário adicional sobre o meu peso. Ele mesmo mudou de assunto.

“Quais são as novidades com respeito às suas excentricidades e aberrações?” Perguntou ele com a expressão a mais indiferente possível.

Eu tolamente respondi que tudo estava OK. “Excentricidades e aberrações” era como ele indicava meu interesse em colecionar coisas. Naquela ocasião, eu retomei, com maior zelo, aquilo que durante toda a minha vida apreciava: colecionar qualquer coisa colecionável. Eu colecionava revistas, selos, discos, toda a parafernália da Segunda Guerra Mundial tais como sabres, capacetes, bandeiras, etc.

“Tudo que posso lhe dizer, don Juan, acerca das minhas aberrações, é que estou tentando vender minhas coleções,” disse eu com o ar de um mártir que estivesse sendo obrigado a fazer algo muito odioso.

“Ser um colecionador não é assim algo tão ruim”, disse ele como se realmente acreditasse no que dizia. “O ‘x’ da questão não é o fato de colecionar, mas o que colecionar. Você coleciona porcarias, objetos sem nenhum valor que certamente prendem você do mesmo modo que seu cachorrinho de estimação. Você não pode simplesmente levantar e ausentar-se de onde mora se tiver um bichinho de estimação para cuidar, ou se tiver que se preocupar com o que poderá acontecer com suas coleções durante sua ausência”.

“Eu estou seriamente procurando quem possa comprar minhas coleções, don Juan; pode acreditar,” protestei.

“Não, não, não, não sinta-se como se eu estivesse acusando você de alguma coisa,” retorquiu ele. “Na verdade, eu gosto de seu espírito de colecionador. Apenas não gosto do que você coleciona, isso é tudo. Gostaria, entretanto, de aproveitar seu olho clínico de colecionador. Gostaria de propor que você colecionasse algo que valha a pena”.

Don Juan ficou em silêncio durante algum tempo. Parecia procurar as palavras adequadas; ou talvez aquilo fosse apenas uma hesitação dramática, bem colocada. Olhou-me de modo penetrante, profundo.

“Todo o guerreiro tem a obrigação de organizar um álbum”, continuou ele, “um álbum que revele a sua personalidade, um álbum que ateste as circunstâncias de sua vida”.

“Por que você chama isso de uma coleção, don Juan?” Perguntei num tom desafiador, “Ou um álbum, como afirmou?”

“Porque os dois nomes são adequados,” replicou ele. “Mas, acima de tudo, tal coleção é como um álbum de retratos, retratos da memória, fotografias tiradas da lembrança de fatos memoráveis”.

“Tais eventos memoráveis são memoráveis por algum motivo específico?” Perguntei.

“São memoráveis porque têm um significado especial na vida das pessoas”, disse ele. “Minha proposta é no sentido de que você monte este álbum colocando nele o relato completo dos vários eventos que possuem um significado especial para você”.

“Todos os eventos de minha vida têm um profundo significado para mim, don Juan!” Disse eu forçadamente, sentindo logo em seguida o impacto de minha própria pomposidade.

“Nem tanto”, disse ele, sorrindo, parecendo estar deliciando-se imensamente com a minha reação. “Nem todo evento em sua vida tem um significado profundo para você. Existem alguns, entretanto, que eu consideraria ter mudado as coisas para você, ter iluminado o seu caminho. Ordinariamente, os eventos que mudam os nossos caminhos são coisas impessoais, e ainda assim extremamente pessoais”.

“Eu não estou tentando ser teimoso, don Juan, mas pode acreditar, toda coisa que acontece comigo apresenta tais características”, disse eu, sabendo que mentia.

Imediatamente depois de ter dito aquilo, tentei desculpar-me, mas don Juan não deu nenhuma atenção ao que eu falava. Era como se eu não tivesse dito nada.

“Não pense nesse álbum em termos de banalidades, ou em termos de uma reorganização trivial de suas experiências de vida”, disse ele.

Eu respirei fundo, fechei os olhos, e tentei aquietar minha mente. Falava comigo mesmo freneticamente a respeito de meu problema sem solução: era fora de qualquer dúvida que eu não gostava, de modo algum, de visitar don Juan. Sentia-me ameaçado em sua presença. Ele encurralava-me verbalmente e não deixava nenhuma brecha para que pudesse mostrar meu valor. Eu detestava ser desprestigiado cada vez que abria a boca; detestava fazer papel de bobo.

Mas havia outra voz dentro de mim, uma voz que vinha de uma profundidade maior, mais distante, quase um sussurro. No meio de minha verborragia conhecida, ouvi a mim mesmo dizendo que era muito tarde para que eu pudesse voltar. Mas não era realmente minha voz ou meus pensamentos que eu estava percebendo; era mais como uma voz desconhecida dizendo que eu tinha entrado muito profundamente no mundo de don Juan e que necessitava dele mais que do ar.

“Diga o que quiser”, parecia dizer-me a voz, “mas se você não fosse o ego-maniaco que é, você não estaria tão contrariado.”

“Essa é a voz de sua outra mente,” disse don Juan como se estivesse ouvindo ou lendo meus pensamentos.

Meu corpo pulou involuntariamente. Meu susto foi tão grande que as lágrimas umedeceram meus olhos. Confessei para don Juan a natureza real de minha perturbação.

“Seu conflito é muito natural”, disse ele. “E acredite-me, eu não o exacerbei tanto assim. Não é meu feitio. Tenho para contar-lhe algumas histórias sobre meu professor, o nagual Julian, a respeito do que ele fazia comigo. Eu o odiei com todo o meu ser. Era muito jovem, e via como as mulheres o adoravam, entregavam-se a ele como algo nunca visto, e quando eu tentava dizer apenas um alô para elas, voltavam-se

contra mim como leões, prontas para arrancar minha cabeça com uma patada. Elas detestavam-me até as entranhas e amavam Julian. Como você acha que eu me sentia?”

“Como você resolveu tal conflito, don Juan?” perguntei com um interesse real e genuíno.

“Eu não resolvi coisa nenhuma”, declarou ele. “Aquilo, conflito ou o que fosse, era o resultado da batalha entre minhas duas mentes. Cada um de nós, seres humanos, tem duas mentes. Uma delas é totalmente nossa, e fala conosco por uma voz que sussurra e que sempre traz para nós ordem, integridade, propósito. A outra é uma instalação alienígena. Ela nos traz conflito, reivindicações egoístas, dúvidas, desespero”.

Estava tão intensamente fixado em minhas próprias concatenações mentais que não captei nada do que don Juan dissera. Podia lembrar-se claramente de cada uma de suas palavras, mas elas não faziam nenhum sentido para mim. Don Juan muito tranqüilamente, olhando diretamente em meus olhos, repetiu o que acabara de dizer. Eu continuava sem condição de perceber o que ele queria dizer. Eu não podia focalizar minha atenção em suas palavras.

“Por alguma estranha razão, don Juan, eu não posso concentrar-me no que você está me dizendo”, disse eu.

“Entendo perfeitamente porque você não pode”, disse ele, sorrindo abertamente, “e você também irá entender algum dia, quando tiver resolvido o conflito de gostar ou não de mim, no dia em que você deixar de ser, para você mesmo, o centro do mundo.

“Enquanto isso”, continuou ele, “deixemos de lado o problema de suas duas mentes e voltemos ao assunto do seu álbum de eventos memoráveis. Devo acrescentar que tal álbum representa um exercício de disciplina e imparcialidade. Considere tal álbum como sendo um ato de guerra”.

A afirmação de don Juan – que meu conflito de gostar ou não gostar de vê-lo iria terminar quando eu abandonasse meu egocentrismo – não solucionou o meu problema. Na verdade, tal afirmação deixou-me mais furioso ainda; frustrou-me mais que tudo. E quando eu ouvi don Juan dizer que o álbum era um ato de guerra, lancei-me sobre ele com todo o meu veneno.

“A idéia de que isso é uma coleção de eventos já é algo difícil de entender”, disse em tom de protesto, “Mas depois de tudo isso, você diz que trata-se de um álbum, e mais, que tal álbum é um ato de guerra; isso é demais para mim. É muito obscuro. Sendo obscura, a metáfora perde todo o seu sentido.”

“Que coisa estranha! Para mim, é o contrário,” replicou don Juan calmamente. “Que tal álbum seja um ato de guerra é para mim a coisa mais significativa do mundo. Eu não gostaria que meu álbum de eventos memoráveis fosse qualquer coisa que não um ato de guerra”.

Queria prolongar a discussão e explicar para ele que tinha entendido a idéia do álbum de eventos memoráveis. A minha objeção referia-se ao modo complicado com que ele o descreveu. Considerava-me naquela época um advogado da clareza e funcionalidade do uso da linguagem.

Don Juan não fez nenhum comentário acerca do meu espírito beligerante. Apenas balançava a cabeça para baixo e para cima, como se concordasse inteiramente comigo. Depois de alguns instantes, ou eu fiquei completamente exaurido de energia ou então recebi uma dose gigante da mesma. De repente, sem nenhum esforço de minha parte, percebi a futilidade de minha explosão emocional. Senti-me terrivelmente embaraçado.

“O que faz com que eu aja do modo como ajo?” Perguntei a don Juan, ansiosamente. Estava, naquele momento, inteiramente intrigado. Fiquei tão abalado pela minha percepção que, involuntariamente, comecei a chorar.

“Não se preocupe com detalhes estúpidos”, disse don Juan apaziguadoramente. “Cada um de nós, homem ou mulher, reage desse modo”.

“Você quer dizer, don Juan, que cada um de nós é mesquinho e contraditório?”

“Não, nós não somos por natureza mesquinhos e contraditórios,” replicou ele. “Nossa mesquinhez e contradições, em vez serem características inatas, são o resultado do conflito transcendental que aflige cada um de nós, do qual apenas os feiticeiros estão dolorosa e desesperadamente conscientes: o conflito de nossas duas mentes”.

Don Juan encarou-me e seus olhos pareciam dois fragmentos de carvão preto.

“Você tem falado para mim uma vez atrás da outra sobre as duas mentes”, disse eu, “mas meu cérebro não consegue registrar o que você está dizendo. Por quê?”

“Você irá saber quando chegar a hora,” disse ele. “Por enquanto é suficiente que eu repita para você o que disse antes sobre nossas duas mentes. Uma delas é a nossa mente verdadeira, o produto de todas as nossas experiências de vida, aquela que raramente fala conosco por ter sido derrotada e relegada à obscuridade. A outra, a que usamos diariamente para tudo o que fazemos, é uma instalação alienígena”.

“Penso que o ‘x’ da questão é que o conceito da mente ser uma instalação alienígena é tão estapafúrdio que minha mente se recusa considerá-lo com seriedade”, disse eu, sentido que tinha feito uma descoberta genuína.

Don Juan não fez nenhum comentário sobre o que eu disse. Continuou explicando o assunto referente às duas mentes como se eu não tivesse dito uma palavra.

“Resolver o conflito das duas mentes é uma questão de intentá-lo”, disse ele. “Os feiticeiros evocam o intento pronunciando a palavra intento em voz alta e clara. O intento é uma força que existe no universo. Quando os feiticeiros a evocam, ela vem até eles e fixa o caminho para a obtenção do que for, o que significa que os feiticeiros sempre conseguem o que se propõem”.

“Você quer dizer, don Juan, que os feiticeiros conseguem tudo o que quiserem, mesmo as coisas mesquinhas e arbitrárias?” Perguntei.

“Não, não quis dizer isso. O intento pode ser chamado, é claro, para qualquer coisa”, replicou ele, “mas os feiticeiros descobriram, com grande esforço, que o intento só vem até eles apenas para realizarem algo que seja abstrato. Essa é a válvula de segurança para os feiticeiros; não fosse assim, eles seriam insuportáveis. No seu caso, evocar o intento para resolver o conflito de suas duas mentes, ou para ouvir a voz de sua mente verdadeira, não é algo mesquinho ou arbitrário. Muito pelo contrário; é algo etéreo e abstrato e ainda assim vital para você como nada mais pode ser”.

Don Juan parou por um momento; depois começou a falar de novo sobre o álbum.

“Meu próprio álbum, sendo um ato de guerra, exigiu uma seleção super cuidadosa”, disse ele. “Ele é agora uma coleção rigorosa dos momentos inesquecíveis de minha vida, e de tudo que me conduziu a eles. Tenho concentrado nele aquilo que é e será significativo para mim. Na minha opinião, o álbum de um guerreiro é algo muito concreto, algo tão ‘no ponto’ que é arrasador”.

Não tinha nenhuma pista do que don Juan desejava, mas apesar disso entendia-o perfeitamente. Ele aconselhou-me a ficar sentado, sozinho, e deixar que meus pensamentos, memórias e idéias viessem a mim livremente. Ele recomendou que eu fizesse um esforço para deixar que a voz do meu íntimo falasse comigo e indicasse o que deveria selecionar. Don Juan disse-me então para entrar dentro da casa e deitar-me na cama que tinha preparado para mim. Ela era feita de caixotes de madeira e de dúzias de sacos de estopa que serviam de colchão. Meu corpo todo doía, e quando deitei-me naquela cama senti que ela era extremamente confortável.

Segui sua sugestão ao pé da letra e comecei a pensar no meu passado, procurando eventos que deixaram uma marca em mim. Logo percebi que minha afirmação de que todos os acontecimentos de minha vida foram marcantes, era besteira. Quando pressionava a mim mesmo para recordar, descobri que nem mesmo sabia por onde começar. Passaram por minha mente um sem número de pensamentos dissociados e memórias de acontecimentos que experimentei, mas não consegui definir se eles tiveram ou não qualquer significado para mim. A minha impressão foi de que nenhum deles teve qualquer importância para mim. Parecia que eu tinha passado pela vida como um cadáver com o poder de falar e andar, mas não de sentir. Não tendo nenhum poder de concentração que permitisse uma análise mais profunda, eu desisti e peguei no sono.

“Você teve algum sucesso?” Perguntou-me don Juan quando acordei algumas horas mais tarde.

Em vez de estar tranqüilo depois de ter dormido e descansado, eu estava novamente rabugento e beligerante.

“Não, não tive nenhum sucesso!” Vociferei.

“Ouviu a voz de seu íntimo?” Perguntou ele.

“Acho que sim”, menti.

“O que ela lhe disse?” Inquiriu ele com um tom insistente.

“Eu não consigo lembrar-me, don Juan”, murmurei.

“Ah, você está de volta com sua mente do dia-a-dia”, disse ele, batendo com força nas minhas costas. “Sua mente do dia-a-dia tomou as rédeas novamente. Vamos relaxá-la conversando sobre sua coleção de eventos memoráveis. Eu deveria dizer que selecionar aquilo que deverá ser colocado no álbum não é uma tarefa fácil. Essa é a razão pela qual eu disse que organizar o álbum é um ato de guerra. Você deve recordar sua vida dez vezes para ter certeza do que selecionar”.

Entendi claramente então, ainda que por um segundo, que eu tinha duas mentes; o meu pensamento, entretanto, era tão vago que o perdi instantaneamente. O que ficou foi apenas a sensação da incapacidade de realizar o que don Juan estava exigindo. Em vez de aceitar essa minha incapacidade tranqüilamente, entretanto, permiti que ela se transformasse em algo ameaçador. A força propulsora de minha vida, à época, era de me mostrar como um vencedor. Ser incompetente era o equivalente a ser um perdedor, e isso era inteiramente intolerável para mim. Desde que não sabia como vencer o desafio que don Juan estava propondo, fiz a única coisa que sabia: ficar furioso.

“Tenho que pensar um bocado sobre isso, don Juan”, disse eu. “Tenho que dar algum tempo para que minha mente se fixe nessa idéia”.

“É claro, é claro”, tranqüilizou-me don Juan. “Use todo o tempo que precisar, mas comece logo”.

Nada mais foi dito sobre o assunto naquela ocasião. Em casa, eu esqueci-me completamente dele até que um dia, bastante repentinamente, durante uma palestra a que eu assistia, uma necessidade muito forte para que procurasse os eventos memoráveis de minha vida, surgiu-me como um choque em todo o meu corpo, como um espasmo que me sacudiu dos pés à cabeça.

Comecei a trabalhar no assunto com toda seriedade. Gastei meses para reorganizar as experiências de minha vida que julgava significativas para mim. Depois de examinar minha coleção, entretanto, percebi que estava lidando apenas com idéias que não tinham qualquer substância. Os eventos de que me lembrei eram pontos de referência vagos, dos quais tinha apenas recordações abstratas. Uma vez mais, tive a sensação bastante incômoda de ter sido educado para apenas agir sem nunca parar para sentir o que quer que fosse.

Um dos eventos mais vagos de que me lembrei, e que eu queria transformar a qualquer custo em memorável, foi quando descobri ter sido admitido num curso de graduação da UCLA. Por mais que me esforçasse, não consegui lembrar-me do que estive fazendo naquele dia. Não havia nada interessante ou especial que tivesse acontecido, salvo a minha idéia de que aquele dia tinha que ser memorável. Entrar para um curso de graduação na UCLA tinha que ser algo que me tornaria feliz e orgulhoso de mim mesmo, mas tal não aconteceu.

Outra amostra do que havia escolhido para minha coleção foi o dia em que iria casar-me com Kay Condor. Seu sobrenome não era realmente Condor, mas ela mudou-o porque queria ser uma atriz. Sua entrada para a fama era o fato de que parecia com Carole Lombard. Aquela dia era memorável em minha mente, não somente por causa do que aconteceu, mas porque ela era linda e iria casar-se comigo. Ela era uma cabeça mais alta que eu, o que a tornava mais atraente para mim.

Eu estava excitado com a idéia de casar-me, numa cerimônia de igreja, com uma mulher alta. Aluguei um “smoking” cinza. As calças eram compridas para o meu tamanho. Não eram “boca de sino”; só eram compridas, e isso chateou-me sobremaneira. Outra coisa que me aborreceu demais foi o fato das mangas da camisa

cor-de-rosa que comprei para a ocasião serem cinco centímetros mais compridas que meus braços; eu tive que usar “gominhas” para mantê-las no lugar.

Fora disso, tudo estava perfeito até o momento em que os convidados e eu descobrimos que Kay Condor roera a corda e não iria aparecer.

Sendo uma jovem muito cônica de seus deveres, mandou-me uma nota por um mensageiro de motocicleta, na qual dizia que não acreditava em divórcio e que não poderia comprometer-se para o resto de seus dias com alguém que não tinha os mesmos pontos de vista sobre a vida que ela. Lembrou-me que eu dissimulava um risinho cada vez que pronunciava o nome “Condor”, o que representava um total desrespeito por sua pessoa. Disse que discutira o assunto com sua mãe. Ambas gostavam imensamente de mim, mas não o bastante para que eu fizesse parte de sua família. Acrescentou que, brava e sabiamente, tínhamos que nos safar a tempo.

Fiquei totalmente atordoado. Quando tentei recordar aquele dia, não pude determinar se ficara horrivelmente humilhado por ter sido deixado esperando em frente de todos os convidados com o meu “smoking” cinza alugado com as calças arrastando no chão, ou se ficara totalmente aniquilado porque Kay Condor não quis casar comigo.

Esses foram os dois únicos eventos que consegui isolar com clareza. Eles eram exemplos inadequados, mas depois de reordená-los, consegui revesti-los como eventos filosoficamente aceitáveis. Pensava que eu fosse alguém que vivesse a vida sem nenhum sentimento real, alguém que só tinha visões intelectuais de tudo. Tomando as metáforas de don Juan como modelos, cheguei até mesmo a criar uma referente a mim mesmo: um ser que vivia sua vida de modo vicário em termos de como ela deveria ser.

Acreditava, por exemplo, que o dia em que fui admitido na UCLA deveria ser memorável. Desde que não foi, tentei imbuí-lo com uma importância que nem de longe eu sentira. Uma coisa semelhante aconteceu com o dia em que quase casei-me com Kay Condor. Aquele deveria ter sido um dia devastador para mim, mas não foi. No momento em que eu recordei tal dia, soube que não ocorrera nada de significativo nele e então comecei a dar duro para construir o que deveria ter sentido.

Em minha visita seguinte a don Juan, apresentei-lhe meus dois exemplos tão logo cheguei.

“Isto é um monte de tolices”, declarou ele. “Nada disto serve. As histórias referem-se a você como pessoa que pensa, sente, chora, ou que nada sente. Os eventos memoráveis do álbum de um xamã são questões que resistem ao passar do tempo porque elas não têm nada a ver com ele, e ainda assim ele está no miolo delas. Ele estará

sempre no miolo delas, pela duração de sua vida, e talvez mesmo depois, mas não de maneira pessoal”.

Suas palavras fizeram com que me sentisse rejeitado, inteiramente derrotado. Eu sinceramente acreditava nessa época que don Juan era um velho intransigente que sentia um deleite especial em fazer-me sentir estúpido. Ele lembrava-me um mestre artesão que eu encontrara numa fundição de esculturas onde eu trabalhava quando freqüentava uma escola de belas artes. Tal mestre artesão usava criticar e encontrar defeitos em todos os trabalhos de seus alunos mais adiantados, e exigia que eles os corrigissem levando em conta suas recomendações. Seus alunos viravam as costas e fingiam corrigir seus trabalhos. Lembrei-me do júbilo do artesão quando dizia, depois de examinar o mesmo trabalho, “Agora ficou no ponto exato!”.

“Não fique assim”, disse don Juan, sacudindo-me para tirar-me de minhas recordações. “Durante meu tempo, acontecia o mesmo comigo. Durante anos, eu não apenas não sabia o que escolher, como também pensava não ter nada para ser selecionado. Parecia que nada nunca me acontecera. É claro que tudo tinha acontecido comigo, mas o meu esforço de defender a idéia que tinha de mim mesmo, não me dava tempo nem inclinação para notar o que quer que fosse”.

“Você poderia dizer-me, don Juan, especificamente, o que há de errado com minhas histórias? Sei que elas não são nada, mas o resto de minha vida é a mesma coisa”.

“Vou repetir isto para você”, disse ele. “As histórias do álbum do guerreiro são impessoais. Sua história do dia em que entrou para a UCLA não passa de uma afirmação acerca de você como o centro do mundo. Você sente, ou você não sente; você percebe, ou você não percebe. Entende o que eu quero dizer? Toda a história é só sobre você”.

“Mas como pode ser diferente, don Juan?” Perguntei. “Na sua outra história, você quase tocou naquilo que eu quero, mas depois transformou-a em algo extremamente pessoal. Sei que você poderia acrescentar mais alguns detalhes, mas todos eles seriam uma extensão de sua personalidade e nada mais que isso”

“Sinceramente, eu não consigo perceber o que você quer dizer, don Juan”, protestei. “Qualquer história vista pelos olhos de uma testemunha tem que ser, forçosamente, pessoal”.

“Sim, sim, é claro”, disse ele, rindo, deliciando-se como sempre com a minha confusão. “Mas se assim for, elas não são histórias para o álbum de um guerreiro. São

histórias para outros propósitos. Os eventos memoráveis que procuramos têm o toque escuro do impessoal. Esse toque permeia-os. Não sei como explicá-lo de outra maneira”.

Acreditei então que tivera um momento de inspiração e que entendera o que ele chamava de toque escuro do impessoal. Pensei que ele quisesse referir-se a algo um pouco mórbido. Escuridão tinha tal significado para mim. E relatei para ele uma estória de minha infância.

Um de meus primos mais velhos cursava uma escola de medicina. Era interno e um dia levou-me ao necrotério. Ele garantiu-me que toda pessoa jovem deveria ver um cadáver, pois isso era muito educativo; demonstrava que a vida é transitória. Falava comigo sobre isso uma vez atrás da outra, para convencer-me. Quanto mais ele falava-me que não éramos importantes em presença da morte, tanto mais curioso eu sentia-me. Nunca tinha visto um cadáver. Minha curiosidade para ver um deles, finalmente, venceu-me e fui com ele.

Ele mostrou-me vários cadáveres e conseguiu assustar-me a ponto de paralisar-me. Não vi nada de educativo ou iluminativo em tal experiência. Os corpos eram, sem dúvida, as coisas mais assustadoras que jamais tinha visto. Enquanto meu primo falava comigo, olhava para o relógio como se esperasse que alguém fosse chegar a qualquer momento. Obviamente ele queria que eu demorasse no necrotério mais tempo que minhas forças permitissem. Sendo a pessoa competitiva que eu era, acreditei que ele estivesse testando minha resistência, minha masculinidade. Cerrei os dentes e resolvi ficar até que acontecesse o pior.

O pior aconteceu de um modo que eu nunca suspeitei. Um cadáver que estava coberto com um lençol realmente movimentou-se para cima, fazendo um som no tampo de mármore sobre o qual estavam todos os cadáveres, como se preparasse para ficar sentado. O corpo emitiu um som como se arrotasse, um som tão aterrador que queimou-me por dentro e que ficará em minha memória pelo resto de minha vida. Meu primo, o doutor, o cientista, explicou-me que aquele era o corpo de um homem que morreu de tuberculose, e que seus pulmões foram devorados por bacilos que deixaram enormes buracos cheios de ar, e que em casos semelhantes, quando mudava a sua temperatura, o ar forçava o corpo a ficar sentado ou, pelo menos, a ter uma convulsão.

“Não, ainda não é isso”, disse don Juan, balançando a cabeça de um lado para o outro. “Essa é meramente uma estória sobre seu medo. Eu também teria ficado morto de

medo; ficar morto de medo, entretanto, não ilumina o caminho de ninguém. Mas estou curioso para saber o que aconteceu com você”.

“Eu berrei como um celerado”, disse eu. “Meu primo chamou-me de covarde, de poltrão, por ter escondido minha cara em seu peito e por ter vomitado em cima dele”.

Eu, sem nenhuma dúvida, tinha adquirido um toque de morbidez em minha vida. Conteí outra estória, dessa vez sobre um jovem de dezesseis anos que conheci no colégio, o qual sofria de uma doença glandular e que por causa dela desenvolveu uma altura enorme. Seu coração não se desenvolveu proporcionalmente ao resto do corpo e certo dia ele morreu de um ataque cardíaco. Eu fui até o necrotério com um colega apenas por mórbida curiosidade. O agente funerário, que talvez fosse mais mórbido que nós dois, abriu a porta dos fundos para entrarmos. Mostrou-nos sua obra de arte. Havia colocado o menino gigante, que tinha mais de dois metros e trinta centímetros de altura, em um caixão normal serrando as pernas do cadáver. Mostrou-nos como arrumara as pernas serradas, colocando-as ao lados dos dois braços, que pareciam exhibir dois troféus.

O susto que experimentei foi comparável ao que havia sentido quando criança naquele necrotério, mas esse novo susto não foi uma reação física; foi mais uma reação de repulsa psicológica.

“Você está quase chegando lá”, disse don Juan. “Sua estória, entretanto, ainda é muito pessoal. É revoltante. Sinto náuseas, mas vejo um grande potencial”.

Don Juan e eu rimos dos horrores que encontramos nas situações da vida do dia-a-dia. Naquele momento eu estava desesperadamente perdido em meio aos sentimentos mórbidos que iam e vinham. Conteí-lhe então a estória do meu melhor amigo, Roy Goldpiss. Seu sobrenome verdadeiro não era esse, mas sim um sobrenome polonês, mas seus amigos chamavam-no de Goldpiss porque tudo em que tocava era transformado em ouro; era um grande homem de negócios.

Seu talento pelos negócios fez dele uma pessoa super ambiciosa. Queria ser o homem mais rico do mundo. Descobriu, entretanto que a competição era muito disputada. De acordo com ele, apenas realizando negócios, ele não poderia competir, por exemplo, com o cabeça de uma seita Islâmica que, naquela época, recebia seu peso em ouro cada ano que passava. Tal homem engordava o máximo que seu corpo suportasse antes de ser pesado.

Meu amigo então diminuiu sua pretensão e esforçou-se para ser o homem mais rico dos EEUU. A competição, ainda assim, era feroz. Ele então diminuiu um grau

abaixo: talvez pudesse ser o homem mais rico da Califórnia. Mas tal meta estava muito distante de sua fortuna. Desistiu da esperança de que, com sua cadeia de pizzarias e de sorveterias, pudesse progredir tanto a ponto de competir com as famílias estabelecidas que eram donas da Califórnia. Contentou-se em ser o homem mais rico de Woodlands Hills, subúrbio de LA em que residia. Infelizmente para ele, o Sr. Marsh, dono das fábricas que produziam um colchão de primeira qualidade, conhecido e utilizado em todos os EEUU, morava na mesma rua que ele, e sua fortuna era inacreditável. A frustração tornou-se ilimitada. Seu esforço para realizar sua pretensão era tão forte que começou a afetar sua saúde.

Um dia faleceu com um aneurisma cerebral.

Sua morte levou-me à minha terceira visita a um necrotério. A esposa de Roy solicitou-me, como seu melhor amigo, certificar-me de que o corpo estivesse convenientemente vestido. Fui até a funerária, onde um auxiliar do sexo masculino conduziu-me até a câmara mais interna. No exato momento de minha chegada, o agente funerário estava tentando, sobre uma mesa de mármore alta, pressionando com muita força, puxar para cima os cantos do lábio superior do cadáver, o qual já apresentava a rigidez da morte, usando os dedos indicador e polegar, enquanto mantinha o dedo médio contra a palma da mão. Enquanto um sorriso grotesco aparecia na face morta de Roy, o agente virou-se um pouco de lado para mim, dizendo em tom servil: “Espero que seja do seu agrado o que estou fazendo, senhor”.

A mulher de Roy – nunca se saberá se ela gostava dele ou não – decidiu enterrá-lo com todo o luxo que, em sua opinião, merecia sua vida. Comprou um caixão muito caro, feito sob medida e que mais parecia uma cabine telefônica; ela teve tal idéia por causa de um filme. Roy seria enterrado sentado, como se estivesse fazendo uma ligação telefônica de negócios.

Não esperei pela cerimônia. Eu saí em meio a uma reação a mais violenta possível, uma mistura de impotência e ódio, um tipo de raiva que não podia desabafar com ninguém.

“Sem dúvida, você hoje está mórbido”, comentou, don Juan rindo. “Mas a despeito disso, ou talvez por causa disso, você está quase no ponto... o chicotinho está quente”.

Eu nunca consegui deixar de ficar admirado pelo modo como o meu estado de espírito modificava cada vez que estava com don Juan. Quando chegava, eu sempre estava mal humorado, rabugento, cheio de auto afirmações e dúvidas. Depois de um

momento, meu estado de espírito mudava misteriosamente e eu ia tornando-me aos poucos mais expansivo até ficar completamente calmo como nunca havia estado. Meu novo estado de ânimo, entretanto, sempre era revestido pelo meu velho modo de me exprimir. Minha maneira usual de falar era aquela de uma pessoa totalmente insatisfeita que se esforçava para não reclamar aos brados, mas cuja reclamações infundáveis estavam sempre implícitas em cada mudança de assunto da conversa.

“Você pode fornecer-me um exemplo de um evento memorável de seu álbum, don Juan?” perguntei-lhe no meu tom velado de reclamação. “Se eu conhecer o padrão que você procura, talvez eu possa acabar por encontrar algo. Do jeito que a coisa está, estarei dando voltas no escuro, sem nenhuma esperança”.

“Não dê tantas explicações”, disse don Juan com uma expressão séria em seu olhar. “Os feiticeiros dizem que existe uma desculpa em cada explicação. Desse modo, cada vez que você estiver se desculpando por não conseguir fazer isso ou aquilo, na verdade você está desculpando-se por suas deficiências, esperando que quem estiver ouvindo você tenha a bondade de entendê-las”.

Minha manobra mais eficaz, quando estou sendo atacado, tem sido descartar os golpes de meus agressores ignorando suas palavras. Don Juan, entretanto, tinha a habilidade desagradável de capturar cada pedacinho de minha atenção. Não importava o modo pelo qual ele me atacasse, não importava o que dizia, ele sempre conseguia prender-me em cada uma de suas palavras. Naquele momento, o que ele estava dizendo não me agradava nem um pouquinho, pois era a verdade nua e crua.

Evitei seu olhar. Senti-me, como sempre, derrotado, mas aquela era uma derrota diferente, peculiar. Não fiquei tão chateado como ficaria se o caso tivesse acontecido no mundo do dia-a-dia, ou se tivesse acontecido logo depois de chegar à sua casa. Depois de um longo momento de silêncio, don Juan falou comigo novamente.

“Melhor que dar um exemplo de um evento memorável de meu álbum,” disse ele, “será dar um exemplo de um momento memorável de sua própria vida, um que por certo irá fazer parte de sua coleção. Ou, diria eu, se eu fosse você, eu certamente o colocaria em minha coleção de eventos memoráveis.”

Pensei que don Juan estivesse brincando e ri estupidamente.

“Esse não é um assunto para risos”, disse ele bruscamente. “Estou falando sério. Você certa vez contou-me uma estória que preenche os pré-requisitos de um evento memorável”.

“Que história é essa, don Juan?”

“A história de ‘figuras em frente de um espelho,’” disse ele. “Conte-me essa estória novamente. Mas conte-a com todos os detalhes que você possa lembrar”.

Comecei a tornar contar a estória de uma maneira apressada e superficial. Ele me fez parar e exigiu uma narrativa cuidadosa e detalhada, a partir do início. Tentei novamente, mas meu relato não o satisfez.

“Vamos dar um passeio”, propôs ele. “Quando você anda, você é muito mais acurado do que quando sentado. Não é à toa que você deveria andar de um lado para o outro quando fosse relatar alguma coisa”.

Estávamos sentados sob o caramanchão de sua casa, como sempre acontecia. Eu havia adquirido um hábito: sempre que estivesse sentado ali, escolhia o mesmo local, apoiando minhas costas contra a parede. Don Juan sentava-se em vários lugares, mas nunca no mesmo local.

Saímos para dar uma volta na pior parte do dia, às 12 horas. Ele deu-me um chapéu de palha, como sempre fazia quando íamos andar sob o forte calor do sol. Andamos por muito tempo em completo silêncio. Tentei, ao máximo que minha habilidade permitiu, forçar a mim mesmo para lembrar-me de todos os detalhes da estória. Foi no meio da tarde que, sentados sob a sombra de uns arbustos altos, contei-lhe de novo toda a estória.

Anos antes, como estudante de escultura numa excelente escola de artes da Itália eu tinha um amigo íntimo, um escocês que estudava arte para se tornar um crítico de arte. O que mais vivamente se destacava em minha mente sobre ele, e que tinha algo a ver com a estória que estava contando mais uma vez para don Juan, era a bombástica idéia que ele tinha de si mesmo; ele considerava-se o mais licencioso, concupiscente, consumado erudito e artesão, um homem da Renascença. Era licencioso, mas concupiscência era algo em contradição com sua pessoa séria, seca e esquelética. Ele era um seguidor vicário do filósofo inglês Bertrand Russel e sonhava em aplicar os princípios do positivismo lógico à crítica da arte. Ser um consumado erudito e artesão era talvez sua fantasia mais ousada, pois ele era um procrastinador; o trabalho era seu pior inimigo.

Sua especialidade dúbia não era ser crítico de arte, mas o conhecimento pessoal de todas as prostitutas dos bordéis locais, cuja quantidade era enorme. Os relatos extensos e coloridos que ele costumava me oferecer – com a finalidade, segundo ele, de me colocar a par das coisas maravilhosas que ele fazia no mundo de sua especialidade – eram deliciosos. Não constituiu, desse modo, nenhuma surpresa para mim quando, certo

dia, ele apareceu em meu apartamento, inteiramente excitado, quase sem fôlego, e disse-me que algo extraordinário acontecera com ele e que queria que eu compartilhasse do mesmo.

“Afirmo-lhe, caro amigo, que você deve comprovar isso você mesmo!” Disse ele excitado com o sotaque de Oxford que lhe afetava sempre que falava comigo. Andava pelo quarto nervosamente. “É difícil de descrever, mas sei que é algo que você irá apreciar. Algo que irá impressionar você para o resto de sua vida. Eu vou dar para você um presente para toda a sua vida. Está entendendo?”

Eu entendi que ele era um escocês histórico. Era com prazer que fazia a sua vontade e o acompanhava de longe. Nunca arrependi-me dessa estratégia.

“Acalme-se, acalme-se, Eddie”, disse eu. “O que você está tentando dizer-me?”

Ele contou que esteve num bordel, onde encontrara uma mulher incrível que fazia uma coisa maravilhosa que chamava de “figuras em frente de um espelho”. Ele garantia-me repetidas vezes, quase gaguejando, que eu devia a mim mesmo experienciar tal evento pessoalmente.

“Digo-lhe que pode ficar tranqüilo quanto ao dinheiro!” Disse ele, uma vez que sabia que eu quase sempre estava quebrado. “Eu já paguei por você. Tudo o que você tem que fazer é vir comigo. Madame Ludmilla irá mostrar para você suas ‘figuras em frente de um espelho’. É o máximo!”

Numa explosão de alegria incontrolável, Eddie dava gargalhadas, esquecendo-se de seus dentes estragados, que usualmente escondia atrás de um sorriso ou mesmo riso com os lábios quase fechados. “Digo para você, é algo espetacular!”

Minha curiosidade crescia a cada minuto. Estava mais que disposto a participar desse seu novo deleite. Eddie levou-me em seu carro para a periferia da cidade. Paramos em frente de um prédio em mau estado de conservação e todo empoeirado; a pintura estava descascando. Parecia que o prédio fora um hotel anteriormente, um hotel que se transformou em um prédio de apartamentos. Eu pude ver os vestígios de um letreiro do hotel, que estava todo descascado. Na frente do prédio existiam filas de sacadas sujas, cheias de vasos de flores e de tapetes a secar.

Na portaria do edifício encontravam-se dois homens de cor, mal encarados, que usavam sapatos pretos pontudos, parecendo muito apertados; eles cumprimentaram Eddie efusivamente. Tinham olhos pretos, evasivos e ameaçadores. Os dois estavam usando ternos azul claro brilhantes, também muito apertados para seus corpos robustos. Um deles abriu a porta para Eddie. Eles nem mesmo olharam para mim.

Subimos dois lances de uma escada dilapidada que um dia devia ter sido luxuosa. Eddie mostrava-me o caminho e andamos ao longo de um corredor vazio que parecia ser de um hotel, com portas nos dois lados. Todas as portas estavam pintadas com a mesma cor verde oliva, escura e desbotada. Cada porta tinha um número de latão, enferrujado pela idade, quase invisível contra a madeira pintada.

Eddie parou na frente de uma das portas. Notei que tinha o número 112. Ele bateu repetidas vezes. A porta abriu, e uma mulher baixa e rechonchuda – uma loura oxigenada – cumprimentou-nos sem dizer uma palavra. Usava um robe vermelho de seda, cujas mangas tinham babados de penas, e chinelos vermelhos com pompons peludos no topo. Uma vez dentro de um pequeno hall e fechada a porta por trás de nós, ela cumprimentou Eddie em inglês, com um sotaque terrível.

“Alô Eddie, você trouxe um amigo, não é?”

Eddie tomou sua mão e depois beijou-a galantemente. Ele agia como se estivesse calmo, mas pude notar seus gestos inconscientes de não estar à vontade.

“Como está passando, Madame Ludmilla?” Disse ele, tentando sem sucesso passar por um americano.

Eu nunca descobri porque Eddie queria aparentar que era americano toda a vez que estivesse tratando de negócios naquelas casas de má reputação. Suspeitava que o motivo era porque os americanos eram conhecidos como sendo ricos, e ele queria deixar, de modo fidedigno, a impressão de que era rico.

Eddie virou-se para mim e disse com seu falso sotaque de americano, “deixo você em boas mãos, meu menino”.

Seus modos foram tão terríveis, tão estranhos aos meus ouvidos, que eu dei uma gargalhada. Madame Ludmilla não pareceu nenhum pouco perturbada pela minha explosão de riso. Eddie beijou novamente a mão de Madame Ludmilla e saiu.

“Você fala inglês, meu rapaz?” Gritou ela como se eu fosse surdo. “Você parece-me egípcio ou, talvez, turco”.

Garanti para Madame Ludmilla que não era nenhum dos dois e que falava inglês. Perguntou-me então se eu tinha idéia do que seriam suas “figuras em frente de um espelho”. Eu não sabia o que dizer. Apenas balancei minha cabeça afirmativamente.

“Vou dar para você um belo show”, assegurou-me ela. As “figuras em frente de um espelho” são apenas a “overture”. Quando você estiver pronto e quente, avise-me para que eu pare”.

Deixamos o pequeno hall onde estávamos e fomos para um quarto escuro e lúgubre. As janelas tinham pesadas cortinas. Havia algumas arandelas com lâmpadas de baixa potência fixadas nas paredes. Existia uma profusão de objetos espalhados pelo quarto: peças de mobília tais como uma pequena cômoda, mesinhas e cadeiras antigas; uma escrivaninha cujo topo podia ser fechado por uma corrediça estava apinhada de papéis, lápis, régua, e pelo menos uma dúzia de tesouras. Madame Ludmilla fez-me sentar numa antiga poltrona estofada.

“A cama fica no outro lado do quarto, querido,” disse ela, apontando para o local. “Esta é a minha ante-sala. É aqui que eu apresento o show para deixar você no ponto.”

Ela deixou cair seu robe vermelho, tirou os chinelos chutando-os para longe, e abriu as portas duplas de dois armários que ficavam um ao lado do outro, contra a parede. Fixados nas partes de dentro das portas dos armários havia espelhos do tamanho das mesmas.

“E agora a música, meu rapaz,” disse Madame Ludmilla e depois deu corda numa vitrola que parecia nova em folha, brilhando como se fosse recém adquirida. Colocou um disco na mesma. A música apresentava uma melodia etérea, que me fez lembrar de uma marcha de circo.

“E agora, o meu show”, disse ela, começando a rodopiar de acordo com o ritmo da lúgubre melodia. A pele de Madame Ludmilla era firme, em sua maior parte, e extraordinariamente branca, embora ela não fosse uma jovem. Ela devia estar nos seus quase cinquenta anos bem vividos. Sua barriga dobrava, mas não muito, apenas um pouquinho, do mesmo modo que os seios. A pele de sua face mostrava as bochechas pronunciadas. Tinha um nariz pequeno e o batom que usava tinha cores vivas. Ela havia colocado uma espessa máscara negra. Sua aparência geral era a de uma prostituta idosa. Mesmo assim, havia algo infantil na mesma, uma despreocupação e confiança joviais, uma doçura que mexia comigo.

“E agora, as figuras em frente do espelho”, anunciou Madame Ludmilla, enquanto a música ainda continuava.

“Perna, perna, perna!” Disse ela chutando o alto com uma das pernas, e depois com a outra, seguindo o ritmo da música. Ela ficava com a mão direita na cabeça, como uma mocinha que não tinha a certeza de conseguir realizar os movimentos.

“Gira, gira, gira!” Disse ela, rodando como um pião.

“Bumbum, bumbum, bumbum!” Disse depois, mostrando-me seu bumbum pelado, como uma dançarina de cançã.

Ela repetiu a seqüência uma vez atrás da outra, até que a música começou a parar porque a corda da Vitrola estava acabando. Eu tive a impressão de que Madame Ludmilla estava rodopiando e se distanciando, tornando-se cada vez menor à medida em que a música parava. Uma espécie de desespero e solidão, que eu não sabia existirem em mim, emergiram a partir das profundezas do meu próprio ser, fazendo com que eu me levantasse e saísse correndo para fora do quarto, descendo as escadas como um louco, saindo do prédio e mergulhando na rua.

Eddie estava parado na porta conversando com os dois homens de terno azul claro brilhante. Vendo-me correr daquele jeito, começou a dar as maiores gargalhadas.

“Não foi o máximo?” Disse ele, ainda tentando parecer americano. “As figuras em frente do espelho eram apenas o intróito. Que beleza! Que beleza!”.

Na primeira vez que contei a estória para don Juan, disse-lhe que ficara profundamente afetado pela melodia lúgubre e pelo rodopiar desajeitado da prostituta ao som da música. E que também ficara profundamente afetado ao perceber quão grosseiro era meu amigo.

Quando acabei de contar de novo a estória para don Juan, enquanto sentados numa colina de uma cadeia de montanhas em Sonora eu tremia todo, misteriosamente afetado por algo bastante impreciso.

“Essa história”, disse don Juan, “deveria constar de seu álbum de eventos memoráveis. Seu amigo, sem ter a mínima idéia do que estava fazendo, deu-lhe, como ele mesmo disse, algo que na verdade irá durar por toda a sua vida”.

“Eu a vejo como uma triste história, don Juan, mas apenas isso”, declarou.

“Ela é realmente uma história triste, do mesmo modo que as suas outras histórias”, replicou don Juan, “mas o que a faz diferente e memorável para mim é que ela toca a cada um de nós seres humanos, não apenas a você, como suas outras histórias. Veja você, como Madame Ludmilla, cada um de nós, jovem e também adulto, também está fazendo, de um ou outro modo, figuras em frente de um espelho. Isso está de acordo com o que sabemos a respeito das pessoas. Pense em qualquer ser humano sobre a Terra, e saberá, sem sombra de dúvida, não importando quem seja, o que pense de si mesmo, ou o que faça, o resultado de suas ações é sempre o mesmo: figuras sem sentido em frente de um espelho”.

1

Um Tremor no Ar

Capítulo 01 - Uma Jornada de Poder

Na ocasião em que encontrei don Juan eu era um estudante de antropologia autenticamente dedicado, e queria começar minha carreira profissional como antropólogo publicando o máximo possível sobre a minha especialidade. Estava determinado a escalar a ladeira acadêmica, e pelos meus cálculos, decidi que o primeiro passo seria coligir dados referentes ao uso de plantas medicinais pelos índios do sudoeste americano.

Inicialmente pedi a opinião acerca de meu projeto a um professor de antropologia que trabalhara naquela área. Ele era um eminente etnologista que publicara vários livros no final dos anos trinta e início dos quarenta, sobre os índios da Califórnia, sobre os índios do sudoeste e sobre os índios de Sonora, no México. Ele ouviu pacientemente minha exposição. Minha idéia era escrever um informe, chamá-lo de “Dados Etno-botânicos”, e publicá-lo em um jornal que tratava exclusivamente de assuntos antropológicos do sudoeste americano.

A minha proposta era colher plantas, levar as amostras para o jardim botânico da UCLA para serem identificados corretamente, e então descrever como e porque eram utilizados pelos índios do sudoeste. Imaginava coletar milhares de amostras. Imaginava até mesmo publicar uma pequena enciclopédia sobre a matéria.

O professor sorriu como perdoando a minha ousadia, ou minha ingenuidade. “Não quero arrefecer o seu entusiasmo”, disse numa voz cansada, “mas não posso deixar de comentar negativamente a propósito de sua ânsia. A ânsia é bem-vinda em antropologia, mas tem que ser corretamente direcionada. Ainda estamos na idade de ouro com relação à antropologia. Tive sorte em estudar com Alfred Kröber e Robert Lowie, dois pilares das ciências sociais. Não traí sua confiança. Antropologia é ainda a mestra das disciplinas. Cada uma das outras disciplinas deveria brotar da antropologia. O campo inteiro da história, por exemplo, deveria ser chamado de ‘antropologia histórica’, e o campo da filosofia deveria ser chamado de ‘filosofia antropológica’. O

homem deveria ser a medida de tudo. Desse modo, a antropologia, o estudo do homem, deveria ser o cerne de cada uma das outras disciplinas. Um dia, será.”

Eu olhei para ele, desorientado. Ele era, no meu modo de pensar, um velho professor totalmente passivo e benevolente que tivera um ataque de coração recentemente. Parecia que eu havia tocado numa corda de paixão em seu interior.

“Você não acha que deveria dar mais atenção aos seus estudos formais?” Continuou ele. “Em lugar de trabalhos de campo, não seria melhor para você estudar lingüística? Temos em nosso Departamento aqui na UCLA um dos mais proeminentes lingüistas do mundo. Se eu fosse você, estaria sentado em seus pés, catando qualquer migalha que emanasse dele.

“Temos também uma soberba autoridade nos estudos comparativos das religiões. E existem outros antropólogos excepcionalmente competentes que trabalharam em sistemas de afinidades culturais entre povos de todo o mundo, sob o ponto de vista lingüístico e de cognição. Você necessita de um montão de coisas para se preparar. Pensar que já pode ir direto para a pesquisa de campo é um engano grosseiro. Mergulhe nos livros, meu jovem. Esse é o meu conselho”.

Teimosamente, conversei sobre meus planos com um outro professor, desta vez um mais jovem. Ele não foi, sob nenhum ponto de vista, mais encorajador. Riu abertamente em minha cara. Disse-me que o informe que eu queria escrever era um tipo de “história em quadrinhos” e que não era antropologia nem mesmo sob o aspecto da mais fértil imaginação.

“Os antropólogos modernos”, disse ele em tom professoral, “ocupam-se de assuntos que tenham relevância. Cientistas das áreas médica e farmacêutica já realizaram pesquisas intermináveis acerca de todas as plantas medicinais possíveis existentes no mundo. Não existe mais em tal campo nenhum osso para ser roído. O tipo de pesquisa de campo que você pretende fazer é coisa do passado, do fim do século dezenove. Você está quase duzentos anos atrasado. Como você sabe, não existe essa coisa chamada progresso”.

Ele prosseguiu dando-me, então, uma definição e uma justificação de progresso e perfectibilidade como dois itens do discurso filosófico, que, segundo ele, eram mais relevantes para a antropologia.

“Antropologia é a única das disciplinas que existem”, continuou ele, “que pode claramente consolidar o conceito de perfectibilidade e de progresso. Graças a Deus ainda existe um raio de esperança no meio do cinismo de nossos tempos. Somente a

antropologia pode mostrar o real desenvolvimento da cultura e da organização social. Apenas os antropólogos podem provar para a humanidade, sem nenhuma sombra de dúvida, o progresso do conhecimento humano. A cultura evolve, e só os antropólogos podem apresentar amostras de sociedades que, na linha do progresso e perfectibilidade, se adequam a determinado padrão. Digo para você, isso é antropologia! E não uma pesquisa de campo insignificante, que na verdade não é pesquisa coisa nenhuma, mas sim mera masturbação”.

Aquilo foi para mim como uma explosão de minha cabeça. Numa última tentativa, fui para o Arizona conversar com alguns antropólogos que faziam trabalho de campo. Naquele momento, eu já estava preparado para desistir de tudo que planejara. Entendi o que aqueles dois professores estavam tentando dizer-me. Eu não poderia acreditar mais neles. Minhas tentativas de realizar trabalhos de campo eram sem dúvida frutos de minha pobreza de espírito. Mesmo assim queria molhar meus pés no campo; não queria fazer apenas pesquisas em bibliotecas.

No Arizona encontrei um antropólogo extremamente amadurecido que tinha escrito extensivamente sobre os índios yaqui do Arizona e também sobre os de Sonora, no México. Ele foi extremamente bondoso para comigo. Não me desencorajou e nem deu-me conselho algum. Apenas comentou que as sociedades indígenas do sudoeste eram extremamente isolacionistas, e que as pessoas estranhas, principalmente os de origem hispânica, eram suspeitas, ou mesmo abominadas, por aqueles índios.

Um colega seu mais jovem, entretanto, foi mais franco. Disse que ler livros sobre ervas medicinais era melhor para mim. Ele era uma autoridade no assunto e sua opinião era de que tudo o que havia para ser conhecido sobre as plantas medicinais do sudoeste já havia sido classificado e comentado em várias publicações. Ele foi até mesmo ao extremo de dizer que as fontes de qualquer curandeiro índio moderno eram precisamente aquelas publicações em vez de qualquer conhecimento tradicional. Ele despachou-me com a afirmação de que mesmo se ainda houvesse qualquer método tradicional de cura ainda não divulgado, os índios não iriam divulgá-lo para um estranho.

“Faça alguma coisa que valha a pena”, aconselhou-me. “Examine a antropologia urbana. Existe um montão de dinheiro para estudo do alcoolismo dos índios que vivem nas grandes cidades, por exemplo. Isso é algo que qualquer antropólogo pode facilmente fazer. Vá e fique bêbado com os índios em um bar. Depois organize o que descobriu

sobre o assunto em termos de estatística. Transforme tudo em números. A antropologia urbana é realmente um campo para pesquisa”.

Não restava nada mais para mim a não ser aceitar os conselhos daqueles cientistas sociais tão experientes. Decidi tomar o avião de volta para LA, mas um outro amigo antropólogo contou-me que iria percorrer todo o Arizona e Novo México, em visita a todos os locais onde trabalhara no passado, renovando desse modo o seu relacionamento com as pessoas que eram seus informantes de antropologia.

Você será bem-vindo se quiser acompanhar-me, “disse ele”. Não irei executar nenhum trabalho. Estou indo apenas para visitá-los, beber umas e outras com eles, conversar fiado com eles. Comprei alguns presentes para eles – cobertores, aguardente, jaquetas, munição para rifles calibre vinte e dois. Meu carro está carregado com mercadorias. Usualmente viajo sozinho quando vou visitá-los, mas estando só, corro o risco de pegar no sono. Você poderia me fazer companhia, conversar comigo para que eu não cochile, ou mesmo dirigir um pouco sempre que eu estiver muito bêbado.”

Eu estava tão desapontado que recusei o convite.

“Sinto muito, Bill”, disse eu. “Tal viagem de nada valerá para mim. Não vejo como continuar com essa idéia de trabalho de campo por mais tempo”.

“Não desista sem lutar,” disse Bill num tom de preocupação paternal. “Lute com tudo o que você tiver, e se nada conseguir, então sim, estará OK desistir, mas antes, não. Venha comigo e descubra como o sudoeste poderá lhe agradar”.

Ele colocou seu braço ao redor dos meus ombros. Não pude deixar de notar quão imensamente o mesmo pesava. Ele era alto e robusto, mas recentemente seu corpo havia adquirido uma estranha rigidez. Ele perdera aquela qualidade juvenil. Sua face redonda não tinha mais a jovialidade de antes. Agora era uma face que espelhava preocupação. Eu acreditava que sua preocupação era motivada pela queda de seus cabelos, mas agora parecia que se tratava de algo mais profundo que isso. E não era o fato dele estar mais gordo; seu corpo estava pesado por motivos que não podiam ser explicados. Eu notava isso pelo modo como ele andava, levantava ou sentava. Bill parecia lutar contra a gravidade com cada fibra de seu ser, em tudo o que fazia.

Afastando meus sentimentos de derrota, iniciei a viagem com ele. Visitamos cada local no Arizona e Novo México onde havia índios. Um dos resultados finais desta viagem foi a minha descoberta de que meu amigo antropólogo tinha duas facetas bem definidas em sua personalidade. Explicou-me que suas opiniões como antropólogo profissional eram bem definidas e congruentes com o pensamento antropológico atual,

mas como um homem em particular, sua pesquisa antropológica de campo havia proporcionado a ele uma enorme riqueza de experiências sobre as quais ele nunca falou com ninguém. Tais experiências não eram congruentes com o pensamento antropológico atual porque eram eventos impossíveis de ser catalogados.

Durante o desenrolar de nossa viagem, ele invariavelmente tomava alguns drinques com seus ex-informantes, e sentia-se muito relaxado depois disso. Em tais momentos eu tomava o volante e dirigia enquanto ele ficava no banco do passageiro tomando seus golinhos numa garrafa de Ballantine de trinta anos de idade. Era então que Bill falava sobre suas experiências que não podiam ser catalogadas.

“Eu nunca acreditei em fantasmas”, disse ele de repente certo dia. “Eu nunca me envolvi nessa coisa de aparições, essências flutuantes, vozes no escuro, você sabe. A minha educação foi muito séria, pragmática. A ciência foi sempre a minha bússola. Mas então, trabalhando no campo, toda espécie de coisas esquisitas começaram a filtrar através de mim. Por exemplo, certa noite acompanhei uns índios numa busca de aparições. Eles na verdade estavam iniciando-me com uma experiência dolorosa de espetar os músculos de meu peito. Eles prepararam uma espécie de sauna no meio da floresta. Eu suportava a dor resignado. Tomei alguns drinques para me dar força. E então o homem que iria interceder por mim com as pessoas que realmente conduziam a cerimônia gritou horrorizado apontando para uma figura negra, sombria, que avançava em nossa direção.

“Quando a figura sombria aproximou-se de mim”, continuou Bill, “notei que tinha pela frente um velho índio vestido com as roupas mais esquisitas que você possa imaginar. Usava a parafernália dos xamãs. O homem que estava comigo nessa noite desmaiou vergonhosamente ao ver o velho. Ele, o velho índio, veio até mim e apontou com o dedo o meu peito. Seu dedo era apenas pele e osso. Ele balbuciou palavras incompreensíveis para mim. Naquela altura, o resto das pessoas já tinham visto o velho, e começaram a investir silenciosamente em minha direção. O velho virou para vê-los e todos ficaram imobilizados de medo. Ele arengou com eles por um momento. Sua voz era algo que nunca poderá ser esquecido. Era como se ele falasse por um tubo, ou como se ele tivesse alguma coisa presa em sua boca que conduzisse as palavras de dentro dele. Juro para você que vi o homem falando de dentro do corpo, e sua boca irradiava as palavras como um aparelho mecânico. Depois de arengar com os índios, o velho continuou andando, passou por mim e desapareceu, tragado pela escuridão.

Bill disse que o plano de iniciá-lo foi por água abaixo; nunca mais foi completado; e os homens, inclusive os xamãs em comando, tremiam até os ossos. Disse que estavam tão assustados que saíram em debandada.

“Pessoas que eram amigas durante anos e anos”, continuou ele, “nunca mais falaram umas com as outras. Alegavam que o que viram foi a aparição de um xamã incrivelmente velho, e que falar entre si sobre ele traria azar e desgraça. Afirmavam que até mesmo o simples ato de um ver o outro, traria má sorte para ambos. A maior parte deles mudou-se para outra região.”

“Porque achavam que falar sobre o que viram ou mesmo olhar um para o outro traria má sorte para eles?”

“Essa é a sua crença,” replicou ele. “Uma visão dessa natureza significa para eles que ela, a visão, falou com cada um em particular. Ter uma visão de tal natureza é, para eles, a sorte de toda uma vida”.

“E o que foi que a visão falou com cada um em particular?” Perguntei.

“Você não acredita!” Replicou ele. “Eles nunca explicaram nada para mim. Cada vez que eu perguntava, eles entravam num profundo estado de entorpecimento. Eles não tinham visto nada, não tinham ouvido nada. Anos depois do acontecido, o homem que havia desmaiado ao meu lado jurou que havia fingido ter desmaiado porque estava tão assustado que não queria encarar o velho índio, e que o que tinha a dizer foi entendido por todos em um nível diferente da compreensão pela linguagem”.

Bill disse que no seu caso particular, o que a aparição falou para ele foi entendido por ele como relacionado com sua saúde e sua expectativa de vida.

“O que você quer dizer com isso?” Perguntei-lhe.

“Que as coisas não estão assim tão boas para mim”, confessou ele. “Meu corpo não se sente bem”.

“Mas você sabe o que realmente há com você?” Perguntei.

“Oh, é claro”, disse ele despreocupadamente. “Os médicos disseram-me. Mas eu não vou preocupar-me com isso e nem mesmo pensar nisso”.

As revelações de Bill deixaram-me completamente incomodado. Essa era uma faceta de sua personalidade que não conhecia. Eu tinha sempre pensado que ele fosse um osso duro de roer. Nunca poderia conceber que ele fosse vulnerável. Não gostei de nossa interação. Era, entretanto, muito tarde para que eu pudesse tirar o time. Nossa viagem continuava.

Em outra ocasião, ele confidenciou-me que os xamãs do sudoeste eram capazes de se transformarem em diferentes entidades, e que os esquemas que caracterizavam-nos como “xamã urso” ou “xamã leão da montanha”, etc, não deviam ser tomados como eufemismos ou metáforas, pois na realidade não o eram.

“Você acredita”, disse ele com um tom de grande admiração, “que existem xamãs que realmente podem se transformar em ursos, ou em leões da montanha, ou em águias? Não estou exagerando e nem inventando quando digo que certa vez testemunhei a transformação de um xamã que se denominava ‘Homem Rio’ ou ‘Xamã Rio’, ou ‘Vindo de um Rio, Retornando ao Rio’. Estava fora, numa montanha em Novo México, na companhia desse xamã. Acompanhava-o a seu pedido; ele confiava em mim, e estava à procura de suas origens, pelo menos foi o que disse. Estávamos caminhando ao longo de um rio quando de repente ele ficou muito excitado. Disse para afastar-me da margem e ir para determinadas pedras altas onde deveria esconder-me; colocou um cobertor sobre minha cabeça e ombros e orientou-me para espiar através dele de modo a não perder nada do que ele iria fazer.”

“O que ele iria fazer?” perguntei a Bill, incapaz de me conter.

“Eu não sabia”, respondeu ele. “Eu não fazia a mínima idéia, do mesmo modo que você agora. Não havia como eu pudesse conceber o que ele iria fazer. Ele apenas caminhou para dentro da água, com roupa e tudo. Quando a água atingiu a metade de suas panturrilhas – o rio era largo, mas raso – o xamã simplesmente evaporou, desapareceu. Antes de entrar na água, ele murmurou em meu ouvido que eu deveria descer rio abaixo e esperar por ele. Indicou-me o local exato onde deveria esperá-lo. Eu, é claro, não acreditei em uma só palavra do que ele disse, de modo que a princípio não consegui lembrar-me do local onde deveria esperar por ele, mas depois encontrei-o e vi o xamã saindo fora da água. Parece estúpido dizer ‘saindo fora da água’. Eu vira o xamã transformando-se em água e depois sendo refeito a partir da água. Pode acreditar nisso?”

Não fiz nenhum comentário sobre suas histórias. Era impossível para mim acreditar nele, mas também não pude deixar de acreditar. Ele era um homem muito sério. A única explicação possível em que podia pensar era que enquanto continuava nossa viagem ele bebia mais a cada dia que passava. Ele tinha no porta-malas do carro uma caixa com vinte e quatro garrafas de Scotch para seu consumo exclusivo. Ele era realmente um pau d’água.

“Eu sempre fui parcial com relação às mutações esotéricas dos xamãs”, disse-me ele em outro dia. “Isso não quer dizer que eu possa explicar tais mutações, ou mesmo acreditar que elas acontecem, mas como um exercício intelectual eu estou muito interessado em considerar que as mutações em cobras e leões da montanha não são tão difíceis como o que o xamã água fez. É num momento como esse, quando eu disponho meu intelecto de tal maneira que deixo de ser um antropólogo e começo a reagir segundo um sentimento de minhas entranhas. O sentimento de minhas entranhas é que aqueles xamãs certamente fazem algo que não pode ser medido cientificamente ou mesmo ser objeto de uma conversa inteligente.

“Por exemplo, existem xamãs nuvens que se transformam em nuvens, em névoa. Eu nunca vi isso acontecer, mas conheci um xamã nuvem. Nunca o vi desaparecer ou transformar-se em névoa em frente de meus olhos como vi o xamã água transformar-se em água bem na minha frente. Mas eu persegui certa vez esse xamã nuvem, e ele simplesmente desapareceu numa área onde não havia nenhum lugar para ele esconder-se. Embora eu não o tenha visto transformar-se numa nuvem, ele desapareceu. Eu não pude explicar para aonde ele foi. Não havia nem pedras e nem vegetação nas proximidades do lugar aonde ele foi parar. Eu cheguei nesse lugar meio minuto depois dele, mas o xamã sumiu”.

“Cacei este homem por todo o canto para pedir informação,” continuou Bill. “Ele não iria me dar nenhuma colher de chá. Era um amigo muito chegado a mim, mas apenas isso”.

Bill contou-me intermináveis histórias sobre disputas e facções políticas entre os índios em diversas reservas indígenas, ou histórias referentes a vinganças pessoais, animosidades, amizades, etc, etc, as quais não me interessaram nenhum pouco. Por outro lado, suas histórias sobre as mutações de xamãs e aparições causaram uma verdadeira reviravolta emocional em mim. Fiquei ao mesmo tempo fascinado e aterrado por elas. Entretanto, sempre que eu tentava pensar na razão pela qual ficava fascinado ou aterrado, não sabia dizer. Tudo o que poderia dizer era que suas histórias sobre xamãs atingiram-me em um nível visceral, desconhecido.

Outra percepção que resultou dessa viagem foi que eu descobri por mim mesmo que as sociedades indígenas do sudoeste eram realmente fechadas para os de fora. Finalmente aceitei o fato de que necessitava realmente de muita preparação na ciência da antropologia, e que a coisa funcionaria muito melhor se fizesse minhas pesquisas

antropológicas de campo numa área que me fosse familiar ou na qual tivesse fácil acesso.

Quando a viagem terminou, Bill levou-me de carro até o terminal dos ônibus da Greyhound, em Nogales, no Arizona, para minha viagem de volta a LA. Enquanto estávamos sentados no salão de espera, aguardando a chegada do ônibus, ele consolava-me de maneira paternal, lembrando-me que os fracassos eram coisas naturais no caso das pesquisas antropológicas de campo e que elas significavam ou o fortalecimento dos propósitos ou o amadurecimento dos antropólogos.

Abruptamente, ele inclinou-se para meu lado e apontou com um leve movimento do queixo o outro lado do salão. “Acho que aquele velho sentado no banco lá naquele canto é o homem sobre o qual lhe falei”, murmurou aos meus ouvidos. “Não estou bem certo, pois só estive uma vez de frente a frente com ele”.

“Que homem é aquele? O que você me falou dele?” Perguntei.

“Quando estávamos falando dos xamãs e das transformações dos xamãs, disse-lhe que uma vez encontrei um xamã nuvem”.

“Sim, sim, estou lembrado”, disse eu. “Aquele homem é um xamã nuvem?”

“Não,” disse ele enfaticamente. “Mas acho que ele é companheiro ou professor do xamã nuvem. Eu os vi juntos várias vezes, muitos anos atrás.”

Eu lembrei-me que Bill mencionou, de um modo muito casual, mas não com relação ao xamã nuvem, que sabia da existência de um velho misterioso que era um xamã aposentado, um velho índio misantropo de Yuma que antes era um terrível feiticeiro. O relacionamento entre o velho e o xamã nuvem nunca me foi relatado por meu amigo, mas obviamente ele estava de tal modo fixado em sua mente que Bill estava convencido de ter falado comigo sobre o assunto.

Uma estranha ansiedade, repentinamente, tomou conta de mim e me fez dar um pulo do lugar onde estava sentado. Como que impelido por uma vontade que não era minha, eu aproximei-me do velho e comecei imediatamente arengar uma ladainha sobre o quanto eu conhecia a respeito de plantas medicinais e sobre xamanismo entre os índios americanos das planícies e seus ancestrais da Sibéria. Como assunto secundário, eu mencionei para o velho que eu sabia que ele era um xamã. Terminei minha arenga assegurando-lhe que seria de grande valia para ele conversar comigo mais demoradamente.

“Ainda que apenas isso”, eu disse petulantemente, “poderíamos trocar figurinhas: você me contaria suas histórias e eu lhe contaria as minhas”.

O velho permaneceu com a cabeça baixa até o último momento. Depois encarou-me. “Eu sou Juan Matus,” disse ele, olhando-me diretamente nos olhos.

A minha tirada não deveria terminar de jeito nenhum, mas por uma razão que não consegui discernir senti que não havia mais nada que eu pudesse dizer. Queria dizer para ele o meu nome. Ele levantou a mão até a altura de minha boca como para evitar que eu falasse.

Neste instante, um ônibus entrou pelo terminal. O velho murmurou que aquele era o ônibus que ele deveria tomar, e depois pediu-me penhoradamente que eu procurasse depois por ele para que pudéssemos falar mais tranquilamente e trocar figurinhas. Havia um risinho de ironia no canto de sua boca quando ele disse isso. Com uma incrível agilidade para um homem de sua idade – calculei que ele andava aí pelos seus oitenta anos – ele cobriu, com algumas passadas, os cinquenta metros existentes entre o banco onde estava assentado e a porta do ônibus. O ônibus, como se tivesse parado apenas para apanhá-lo, começou a sair tão logo ele subiu e foi fechada a porta atrás dele.

Depois que o velho saiu, eu voltei para o banco onde Bill estava sentado.

“O que ele disse, o que ele disse?” Perguntou Bill excitado.

“Ele disse-me para procurá-lo depois e ir até sua casa para uma visita,” disse eu. “Disse mesmo que poderíamos conversar ali”.

“Mas o que foi que você lhe disse para que ele lhe convidasse para ir visitá-lo?” Perguntou Bill em tom de demanda.

Disse a Bill que usei toda a minha lábia, e que prometera ao homem revelar-lhe tudo o que eu sabia, sob o ponto de vista de meus estudos, sobre as plantas medicinais.

É claro que Bill não acreditou em mim. Acusou-me de estar enrolando-o. “Eu conheço as pessoas que moram por aqui,” disse ele em tom beligerante, “e aquele velho é um tipo muito estranho. Ele não fala com qualquer um, índios inclusive. Por que iria ele falar com você, uma pessoa totalmente estranha para ele? Você não é nem mesmo atraente!”

Era óbvio que Bill estava chateado comigo. Entretanto, eu não saberia definir o porque. Não ousei pedir-lhe uma explicação. A minha impressão era de que ele estava com um pouco de ciúme. Talvez ele estivesse sentindo que eu tive sucesso em algo que ele falhara.

Meu sucesso, entretanto, havia ocorrido tão inadvertidamente que nada significou para mim. Não fosse a observação informal de Bill, eu não teria a mínima

idéia de que fosse difícil aproximar daquele velho índio, e não poderia tratar com ele menos tranqüilamente como aconteceu. Naquele momento, não achei nada de mais em nossa breve interação. Fiquei intrigado pelo fato de Bill ter ficado tão chateado.

“Você sabe onde é a casa dele?” Perguntei-lhe.

“Não tenho a mínima idéia”, respondeu ele secamente. “Tenho ouvido as pessoas desta área dizer que ele não vive em nenhum lugar, que ele aparece inesperadamente aqui e ali, mas isso é conversa fiada. Acho que ele provavelmente vive em algum barracão em Nogales, no México”.

“Por que ele é tão importante?” Perguntei a ele. Minha pergunta me fez reunir bastante coragem para acrescentar, “Você parece ter ficado chateado porque ele falou comigo. Por que?”

Sem nenhum alvoroço, ele admitiu que estava amolado porque sabia que era inútil tentar falar com aquele homem. “Esse velho consegue ser mais rude que ninguém,” acrescentou ele. “No melhor dos casos, ele encara você sem dizer uma palavra quando você fala com ele. Em outras vezes, ele nem mesmo olha para você; trata as pessoas como se elas não existissem. Quando tentei falar com ele uma vez ele recusou brutalmente. Sabe o que disse para mim? Disse, ‘se eu fosse você, não desperdiçaria minha energia abrindo minha boca. Economize-a. Vai necessitar dela.’ Se ele não fosse o velho coroca que é, teria quebrado sua cara”.

Destaquei para Bill que chamá-lo de “velho” era mais uma figura de linguagem que uma descrição real. Ele de fato não parecia ser tão velho, embora fosse sem dúvida velho. Possuía um tremendo vigor e uma agilidade estupenda. Sentia que Bill teria falhado fragorosamente se tentasse acertar o nariz do velho. Aquele índio velho era poderoso. Era, de fato, inequivocamente assustador.

Eu não disse o que estava pensando. Deixei que Bill continuasse dizendo-me quanto estava enojado com a grosseria daquele velho, e como o trataria se ele não fosse tão frágil.

“Quem você acha que me pode dar informações sobre onde ele mora?” Perguntei-lhe.

“Talvez algumas pessoas em Yuma”, replicou ele, um pouco mais relaxado. “Talvez aquele pessoal que lhe apresentei no início de nossa viagem. Você não tem nada a perder se perguntar a eles. Diga-lhes que fui eu quem mandou você procurá-los”.

Mudei meus planos ali mesmo, e em lugar de voltar para LA fui diretamente para Yuma, no Arizona. Estive com as pessoas que Bill tinha me apresentado. Elas não

sabiam onde o velho morava, mas seus comentários sobre ele aguçaram ainda mais minha curiosidade. Disseram que ele não era de Yuma, mas de Sonora, no México, e que em sua juventude tinha sido um feiticeiro temível que fazia encantamentos e colocava feitiço nas pessoas, mas que ao ficar mais velho ficou mais brando, transformando-se num eremita ascético. Observaram que ele embora sendo um índio yaqui andou às voltas certa vez com um grupo de mexicanos que parecia conhecer ao extremo as práticas de enfeitiçar. Todos foram unânimes em afirmar que tal grupo não era visto mais pela região desde há muitos anos.

Um dos homens acrescentou que o velho era contemporâneo de seu avô, mas que seu avô era senil e decrépito, enquanto aquele velho parecia ser vigoroso como ninguém. O mesmo homem falou-me de certas pessoas em Hermosillo, a capital de Sonora, que poderiam conhecer o velho e fornecer mais informações sobre ele. O prospecto de ir até o México não me atraía muito. Sonora era muito distante da área na qual estava interessado. Além disso, raciocinei que seria melhor para mim, depois de tudo o que acontecera, dedicar-me à antropologia urbana e então regresssei a LA. Antes disso, investiguei a área de Tuma, procurando por informações sobre aquele velho. Ninguém conhecia qualquer coisa relacionada com ele.

Enquanto o ônibus dirigia-se para LA, experimentei uma sensação singular. Por um lado, sentia-me totalmente curado de minha obsessão com pesquisa de campo ou de meu interesse naquele velho. Pelo outro, sentia uma estranha nostalgia. Aquilo era, verdadeiramente, algo que nunca sentira antes. Era algo tão novo e diferente que fiquei profundamente impressionado. Era uma mistura de ansiedade e saudade, como seu eu estivesse perdendo algo tremendamente importante. Tive a sensação clara, enquanto aproximava-me de LA, que, o que quer que fosse que estivesse atuando em mim na região de Yuma, começava a desaparecer com a distância; mas desaparecia apenas para aumentar aquela saudade inexplicável.

Capítulo 02 - O Intento do Infinito

“Quero que você pense deliberadamente sobre cada detalhe do que transpirou entre você e aqueles dois homens, Jorge Campos e Lucas Coronado,” disse don Juan para mim, “os quais foram realmente os que encaminharam você para mim, e depois conte-me tudo a respeito.”

Achei sua exigência muito difícil de ser atendida, e mesmo assim eu realmente deliciava-me em recordar tudo aquilo que aqueles dois disseram para mim. Ele queria cada detalhe possível, algo que me fez forçar minha memória até seus limites.

A história que don Juan queria que recordasse iniciou-se na cidade de Guaymas, em Sonora, México. Em Yuma, Arizona, obtive nomes e endereços de algumas pessoas que, disseram-me, poderiam derramar alguma luz sobre o mistério do velho que encontrara no terminal de ônibus. As pessoas que fui ver não apenas desconheciam qualquer velho xamã aposentado, como também duvidavam que tal homem tivesse alguma vez existido. Estavam entretanto cheias até o pescoço de terríveis histórias sobre xamãs yaquis, e sobre a natureza em geral beligerante dos índios yaqui. Elas insinuaram que talvez em Vicam, uma estação ferroviária entre as cidades de Guaymas e Cidade Obregon, eu pudesse talvez encontrar alguém que me guiasse no caminho certo.

“Existe ali alguém em particular que eu pudesse procurar?” Perguntei.

“A coisa melhor que você tem a fazer é conversar com o inspetor de campo do banco oficial do governo”, sugeriu um dos homens. “O banco tem vários inspetores. Eles conhecem todos os índios das redondezas porque o banco é a instituição governamental que compra suas colheitas, e cada índio yaqui é um fazendeiro, um proprietário de um pedaço de terra que ele pode considerar sua desde que a cultive”.

“Você conhece algum inspetor do banco?” Perguntei.

Olharam uns para os outros e sorriram para mim como se pedissem desculpas. Não conheciam nenhum, mas recomendaram com veemência que eu deveria aproximar-me de um desses homens por mim mesmo e expor meu problema para ele.

Na Estação Vicam, minhas tentativas de contatar algum inspetor do banco governamental foram um desastre completo. Estive com três deles, e quando disse o que queria, cada um deles olhou-me com total desconfiança. Eles suspeitaram imediatamente que eu era um espião que estava ali a mandado dos Yankees para causar problemas que eles não conseguiam definir claramente, mas sobre os quais faziam as mais violentas especulações, desde agitação política até espionagem industrial. Existia uma crença sem fundamento entre aquela gente de que havia jazidas de cobre nas terras dos índios yaquis e que os Yankees as cobiçavam.

Depois desse fracasso retumbante, retirei-me para a cidade de Guaymas e hospedei-me num hotel que ficava muito perto de um restaurante fabuloso. Eu ia ali três vezes ao dia. A comida era soberba. Gostava tanto da mesma que permaneci em Guaymas por mais de uma semana. Eu praticamente morava no restaurante, e tornei-me, dessa maneira, conhecido do proprietário, Mr. Reyes.

Uma tarde enquanto eu comia, Mr. Reyes veio até minha mesa com outro homem, o qual apresentou a mim como Jorge Campos, um empreiteiro yaqui por parte de pai e mãe que havia morado no Arizona em sua mocidade, e que falava inglês fluentemente, e que era mais americano que qualquer americano. Mr. Reyes elogiava-o dizendo ser ele um verdadeiro exemplo de como o trabalho duro e a dedicação poderiam transformar a pessoa num homem excepcional.

Mr. Reyes saiu e Jorge Campos sentou-se ao meu lado e imediatamente tomou conta da situação. Fingia-se de modesto e negava toda a fama, mas era óbvio que estava feliz da vida pelo que Mr. Reyes falara dele. À primeira vista, eu tive a impressão nítida que Jorge Campos era um empresário de um certo tipo particular que é encontrado em bares ou no meio de pequenas multidões que se aglomeram nas esquinas das ruas principais tentando vender uma idéia ou simplesmente tentando encontrar um modo de lesar pessoas que possuam alguma economia.

Mr. Campos tinha boa aparência, altura de mais ou menos um metro e oitenta e era esbelto, mas com uma barriga estufada como se fosse um bebedor contumaz de bebida forte. Tinha a compleição bastante escura, com um toque esverdeado, e usava uma jaqueta jeans cara e botas brilhantes de vaqueiro, pontudas na frente e com saltos angulares como se tivesse de enterrá-las no chão para evitar de ser arrastado por algum novilho que fora laçado.

Usava uma camisa xadrez cinza impecavelmente passada a ferro; no bolso direito havia um pacotinho de plástico com várias canetas. Eu tinha visto um pacotinho

semelhante no bolso de um dos funcionários do governo e ele era usado para que a tinta das canetas não sujasse a camisa. Sua vestimenta também incluía uma rica jaqueta de camurça com franjas marron-avermelhadas e um grande chapéu de vaqueiro do tipo texano. Sua face redonda era inexpressiva. Ele não tinha rugas, embora sua idade parecesse superar os cinquenta anos. Por alguma razão desconhecida, eu acreditava que ele era perigoso.

“Muito prazer em conhecê-lo, Mr. Campos”, eu disse em espanhol, estendendo a mão para ele.

“Deixemos de lado as formalidades”, respondeu ele, também em espanhol, apertando minha mão vigorosamente. “Gosto de tratar as pessoas jovens como iguais, apesar da diferença das idades. Pode me chamar de Jorge”.

Ele ficou parado por um momento, certamente avaliando minha reação. Eu não sabia o que dizer. Certamente não queria rir dele, mas também não queria levá-lo a sério.

“Estou curioso para saber o que você está fazendo em Guaymas”, continuou ele despreocupadamente. “Você não me parece ser um turista e nem parece alguém interessado em pescaria em alto mar.”

“Eu sou um estudante de antropologia,” disse eu, “e estou tentando entrar em contato com os índios da região com a finalidade de mostrar-lhes minhas credenciais e fazer algumas pesquisas de campo”.

“E eu sou um homem de negócios”, disse ele. “Meu negócio é fornecer informações, ser um elo de ligação. Você tem a necessidade, eu tenho a mercadoria. Cobro pelo serviço que presto, mas ele é garantido. Se você não ficar satisfeito, não terá que pagar-me”.

“Se seu serviço é fornecer informações,” disse eu, “pagarei de bom grado o que você cobrar.”

“Ah!” exclamou ele. “Você certamente necessita de um guia, alguém com mais educação que o índio comum daqui, para andar com você por aí. Você tem uma permissão do governo dos EEUU ou de outra grande instituição?”

“Sim,” eu menti. “Eu tenho uma permissão da Fundação Esotérica de LA”.

Quando eu disse isso, vi realmente um brilho de cobiça em seus olhos.

“Ah!” Disse ele novamente. “Essa instituição é muito poderosa?”

“Bastante poderosa”, disse eu.

“Minha Nossa Senhora! É mesmo?” Disse ele, como se minhas palavras fossem exatamente uma explicação que ele queria ouvir. “Gostaria de perguntar, se você não se importa, qual é o valor limite de sua permissão? Quanto você foi autorizado a gastar?”

“Alguns milhares de dólares para as primeiras pesquisas de campo,” menti novamente, para ouvir o que ele iria dizer.

“Ah! Gosto de pessoas francas”, disse ele, saboreando as próprias palavras. “Tenho certeza de que você e eu iremos fazer um acordo. Ofereço os meus serviços como guia e como uma chave que abrirá qualquer porta secreta dos yaqui. Como você pode ver pela minha aparência geral, eu sou um homem de bom gosto e de recurso.”

“Oh, sim, você é sem dúvida um homem de bom gosto,” afirmei.

“O que estou dizendo para você,” disse ele, “é que por uma pequena taxa, que você irá julgar bastante razoável, eu vou encaminhá-lo às pessoas certas, pessoas a quem você poderá perguntar o que quiser. E por um pouquinho mais, eu traduzirei suas palavras para você, ao pé da letra, seja para o espanhol seja para o inglês. Eu também falo francês e alemão, mas sinto que essas línguas não interessam a você.”

“Você está certo, inteiramente certo”, disse eu. “Essas línguas não me interessam de modo algum. Mas qual seria o valor das taxas que você cobra?”

“Ah! Minhas taxas!” disse ele, tirando uma caderneta com capa de couro do bolso de trás de sua calça, abrindo-a bem em frente de meus olhos; garatujou algumas anotações na mesma, fechou-a e levou-a de volta para o bolso com precisão e rapidez. Tive a certeza de que ele queria dar-me a impressão de que era rápido e eficiente em fazer cálculos.

“Vou cobrar de você cinquenta dólares por dia”, disse ele, “mais transporte e refeições. Quero dizer, quando você comer, eu comerei com você. O que me diz?”

Nesse momento ele inclinou-se para o meu lado e, quase num murmúrio, disse que iria mudar a conversa para o inglês, pois não queria que as pessoas soubessem da natureza de nossas transações. Começou então a falar comigo numa língua que não era inglês de maneira alguma. Fiquei perdido, sem saber o que dizer. Comecei a ficar nervosamente irritado enquanto o homem continuou com seu blá-blá-blá de uma maneira a mais natural possível. Ele não piscava. Movia as mãos animadamente e apontava à sua volta como se estivesse instruindo-me. Não tive a impressão que falava em alguma língua; pensei que, talvez, ele estivesse falando na linguagem yaqui.

Quando algumas pessoas começaram a nos rodear e a nos encarar, eu balancei a cabeça afirmativamente e disse para Jorge Campos, “Sim, sim. É claro”. A certa altura

eu disse, “Você poderia dizer isso novamente,” e o que disse pareceu-me tão engraçado que desatei a rir. Ele também riu até não poder mais, como se eu tivesse dito a coisa mais engraçada do mundo.

Ele deve ter notado que eu já não podia mais, e antes que me levantasse para dizer a ele que parasse com aquilo, ele voltou a falar em espanhol.

“Não quero cansar você com as minhas tolas observações”, disse ele. “Mas se vou ser seu guia, como penso que serei, nós iremos passar longas horas batendo papo. Eu acabo de testar você, para ver se você é bom de papo. Se vou passar horas e horas com você dirigindo, necessito de alguém perto de mim que seja bom ouvinte e que tenha iniciativa. Estou feliz em dizer que você possui essas duas boas qualidades”.

Em seguida, ele levantou-se, apertou a minha mão e saiu. Com se os dois estivessem em conluio, o proprietário veio até minha mesa, sorrindo e balançando a cabeça de um para outro lado, como um ursinho.

“Ele não é um cara fabuloso?” Perguntou ele.

Eu não queria comprometer-me dizendo estar de acordo com tal afirmação, e Mr. Reyes informou-me, sem que eu perguntasse, que Jorge Campos era naqueles dias intermediário numa transação ao mesmo tempo extremamente delicada e rentável. Disse que algumas companhias de mineração dos EEUU estavam interessadas nas jazidas de ferro e cobre que pertenciam aos yaquis e que Jorge Campos ali estava para ganhar, talvez, uma fortuna de cinco milhões de dólares pelos seus serviços. Percebi naquele momento que Jorge Campos era um vigarista. Não existia nenhuma jazida de ferro ou cobre nas terras dos yaquis. Se houvesse, a iniciativa privada já teria conseguido removê-los dali, assentando-os num outro lugar qualquer.

“Ele é fabuloso,” disse eu. “É o cara mais maravilhoso que jamais encontrei. Como poderia entrar em contato com ele novamente?”

“Não se preocupe com isso,” disse Mr. Reyes. “Jorge perguntou-me tudo sobre você. Ele tem estado de olho em você desde que você chegou aqui. Provavelmente ele voltará e baterá em sua porta hoje ainda ou então amanhã cedo”.

Mr. Reyes tinha razão. Umas duas horas mais tarde, alguém acordou-me de minha sesta da tarde. Era Jorge Campos. Eu pretendia sair de Guaymas à tardinha e dirigir durante toda a noite para a Califórnia. Expliquei-lhe que estava de partida, mas que estaria de volta dentro de mais ou menos um mês.

“Ah! Mas você deve ficar, agora que decidi ser seu guia”, disse ele.

“Sinto muito, mas teremos que esperar por esse prazo, pois meu tempo agora está muito limitado”, repliquei.

Sabia que Jorge Campos era vigarista, mas mesmo assim decidi contar-lhe que eu já tinha um informante que estava à minha espera para trabalharmos juntos, e que o encontrara no Arizona. Dei-lhe a descrição daquele velho, dizendo que seu nome era Juan Matus, e que outras pessoas disseram que ele era um xamã. Jorge Campos sorriu para mim escancaradamente. Perguntei-lhe se conhecia aquele velho.

“Ah, sim, eu o conheço”, disse alegremente. “Pode-se dizer que somos bons amigos”. Sem ser convidado, Jorge entrou em meu quarto e sentou-se à mesa existente na varanda.

“Ele mora aqui por perto?” Perguntei.

“É claro que mora”, garantiu para mim.

“Você poderia levar-me até ele?”.

“Não vejo porque não”, disse ele. “Vou necessitar de uns dois dias para fazer minhas próprias investigações, apenas para saber se ele está por aqui, e então iremos vê-lo”.

Sabia que ele estava mentindo, embora não quisesse acreditar nisso. Cheguei mesmo a pensar que a minha desconfiança inicial não tinha fundamento. Ele pareceu-me muito convincente naquele momento.

“Entretanto”, continuou ele, “para levar você até este homem, vou cobrar uma pequena taxa. Meus honorários serão de duzentos dólares”.

A quantia era mais do que dispunha no momento. Recusei polidamente, informando-lhe não contava com aquele total.

“Não quero parecer mercenário”, disse ele com um sorriso encantador, “mas de quanto é que você dispõe? Você deve levar em consideração que eu tenho que dar algumas gorjetas. Os yaquis são muito arredios, mas sempre se pode dar um jeito; sempre existem portas que podem ser abertas com a chave mágica – dinheiro”.

A despeito de toda a minha apreensão, tinha a certeza de que Jorge Campos era não apenas minha porta de entrada para o mundo dos yaquis como também para encontrar aquele homem que tanto me intrigou. Não queria regatear. Fiquei quase embaraçado ao lhe oferecer os cinquenta dólares que tinha no bolso.

“Eu estou no fim de minha estada aqui”, disse como que me desculpando, “por isso estou quase sem dinheiro. Sobraram-me apenas cinquenta dólares”.

Jorge Campos espichou as pernas sob a mesa e cruzou os braços atrás da cabeça, tocando seu chapéu para que cobrisse sua face.

“Fico com os cinquenta dólares e com seu relógio”, disse sem demonstrar nenhuma vergonha.

“Mas com apenas esse dinheiro, vou levá-lo a um xamã menos importante. Não fique impaciente”, avisou-me ele, como se eu fosse protestar. “Devemos subir a escada com cuidado, dos primeiros degraus até o topo, onde com certeza está o nosso homem”.

“E quando poderei encontrar esse xamã menos importante?” Perguntei, dando-lhe o dinheiro e meu relógio.

“Agora mesmo!” Replicou ele levantando-se e pegando com avidez o dinheiro e o relógio. “Vamos! Não podemos perder nem mesmo um minuto”.

Entramos no meu carro e ele instruiu-me para seguir em direção da cidade de Potam, uma das cidades yaquis tradicionais ao longo do rio Yaqui. Enquanto dirigia, ele informou-me que íamos nos encontrar com Lucas Coronado, um homem que era conhecido por suas feitiçarias, por seus transe xamânicos, e pelas magníficas máscaras esculpidas por ele para as festividades yaquis de Lent.

Depois ele mudou a conversa para aquele velho, e o que disse estava em total contradição com o que outras pessoas disseram-me a respeito dele. Enquanto elas disseram-me que ele era um xamã que não exercia as práticas xamanísticas e que era um eremita, Jorge Campos descrevi-o como o mais proeminente curandeiro e feiticeiro da região, um homem cuja fama transformara-o numa figura quase inacessível. Ele fez uma pausa teatral e depois continuou com seu discurso: disse que conversar com aquele velho em circunstâncias adequadas, do modo como os antropólogos gostam de fazer, iria custar-me pelo menos dois mil dólares.

Eu ia protestar contra a drástica elevação do preço, mas ele antecipou-me.

“Por duzentos dólares, eu poderia levar você até ele,” disse. “Desses duzentos, apenas trinta seriam para mim, pois o resto gastaria em propinas. Mas para conversar com o velho demoradamente, o custo seria maior. Você mesmo pode avaliar o quanto seria necessário. Ele possui guarda-costas, pessoas que o protegem. Eu tenho que conversar cuidadosamente com eles, depois de molhar suas mãos.

“No final,” continuou ele, “vou entregar para você os recibos e tudo o mais, para efeito de sua prestação de contas e acerto com o fisco. Você então poderá ver que a parte que me caberá foi mínima”.

Senti uma onda de admiração por ele. Estava a par de tudo, até mesmo dos recibos para imposto de renda. Ficou calado por um instante, como que calculando seu lucro mínimo. Eu não tinha nada a dizer. Eu mesmo estava ocupado com meus cálculos, tentando descobrir como poderia arranjar os dois mil dólares. Cheguei até mesmo a pensar em conseguir um empréstimo.

Mas você tem certeza de que o velho irá falar comigo?” Perguntei. “Mas é claro,” garantiu-me ele. “Ele não apenas irá falar com você, mas também fará algumas demonstrações de feitiçaria para você, e você terá que pagar por elas. Posteriormente poderão entrar em acordo com relação ao pagamento de futuras lições”.

Jorge Campos permaneceu em silêncio por alguns instantes, olhando-me nos olhos.

“Você acha que poderá me pagar os dois mil dólares?” Perguntou-me ele num tom tão forçadamente indiferente que eu instantaneamente vi toda a sua embromação.

“Oh, sim, isso não é nada para mim”, menti tranqüilamente. Ele não conseguiu disfarçar seu contentamento.

“Bom menino, bom menino!” Disse ele animado. “Nós vamos fazer uma festa!”

Tentei fazer algumas perguntas de caráter geral sobre aquele velho; ele forçadamente cortou o assunto. “Guarde tais perguntas para fazê-las diretamente ao velho; ele estará inteiramente à sua disposição,” disse ele, sorrindo.

Ele então começou a falar sobre sua vida nos EEUU e sobre suas expectativas de negócios, e para minha mais completa surpresa, desde que eu concluísse que ele era um poltrão que não conhecia uma só palavra do inglês, começou a falar em inglês.

“Então você realmente fala inglês!” Exclamei eu sem tentar esconder minha surpresa.

“Mas é claro que falo, meu caro”, disse ele, forçando um sotaque texano, que manteve durante todo o tempo de nossa conversa. “Como disse a você, queria testá-lo, para ver se era um homem que sabe improvisar. Você sabe. De fato, pode-se até dizer que você é bastante esperto”.

Seu domínio do inglês era soberbo, e deliciou-me com anedotas e histórias. Chegamos a Potam sem ver o tempo passar. Guiou-me até uma casa na periferia da cidade. Saímos do carro. Andava na frente, chamando em voz alta e em espanhol por Lucas Coronado.

Ouvimos uma voz vinda dos fundos da casa que dizia, também em espanhol, “Venha até aqui”.

A “casa” era um pequeno barraco, e atrás dele, sentado no chão, sobre um couro curtido de cabra, estava um homem. Ele segurava com os pés descalços um pedaço de madeira em que trabalhava com um formão e um maço. Manter no lugar o pedaço de madeira com a pressão dos pés equivalia, a bem dizer, fazer dos pés uma roda de olaria. Eles giravam o pedaço de madeira enquanto as mãos trabalhavam com o cinzel. Nunca tinha visto nada igual em minha vida. Ele estava fazendo uma máscara, esculpindo a madeira com um cinzel curvo. Sua habilidade em fixar a madeira e em girá-la era notável.

O homem era muito magro; tinha feições angulares, maçãs do rosto pronunciadas, e uma compleição escura e acobreada. A pele do rosto e pescoço parecia espichada ao máximo. Ele usava um bigodinho fino, recurvado, que dava à sua face angular um acento maldoso. Tinha um nariz aquilino e pequena separação entre os olhos, que eram de um preto feroz. Suas sobrancelhas extremamente pretas pareciam ter sido desenhadas com um lápis, como também seus cabelos pretos como breu, penteados para trás. Eu nunca vira uma face mais hostil. A imagem que me veio à mente ao olhar para ele foi a de um envenenador italiano da era dos Medicis. As palavras “truculento” e “saturnino” pareciam ser as descrições mais fiéis quando focalizei minha atenção no rosto de Lucas Coronado.

Notei que, enquanto estava sentado no chão, segurando o pedaço de madeira com os pés, os ossos de suas pernas eram tão longos que os joelhos chegavam até seus ombros. Quando nos aproximamos, ele parou de trabalhar e levantou-se. Era mais alto que Jorge Campos, e tão fino como um trilho. Como uma gesto de deferência para nós, suponho, ele calçou suas guaraches.

“Cheguem, cheguem”, disse ele sem sorrir.

Tive então um estranho sentimento de que Lucas Coronado não sabia sorrir.

“A que devo o prazer desta visita?” Perguntou a Jorge Campos.

“Trouxe este jovem até aqui porque ele deseja fazer-lhe algumas perguntas sobre sua arte”, disse Jorge Campos num tom o mais protetor possível. “Eu garanti que você responderia a suas perguntas honestamente”.

“Oh, isso não é nenhum problema, nenhum problema”, garantiu-me Lucas Coronado, fitando-me de alto a baixo com seu olhar frio.

Ele então começou falar em outra língua, em yaqui segundo presumi. Ele e Jorge Campos conversaram animadamente durante algum tempo. Ambos agiam como se eu não existisse. Depois Jorge Campos virou-se para mim.

Apoiamos os direitos autorais.
As páginas desta obra que estás a ler em formato digital, são apenas um excerto para efeitos de divulgação de informação e conhecimentos que consideramos importantes estarem acessíveis ao maior número de pessoas, pois sem Conhecimento, Educação e Sabedoria não existe evolução das sociedades.

Se estás a gostar deste livro, por favor apoia o seu criador e as entidades que apoiam a sua distribuição, adquirindo uma versão original.



umanovatterra.pt